



Pe. Valdeci Antonio de Almeida, SAC

MANUAL DE FORMAÇÃO PALOTINA

*O apostolado de todos:
chamados para evangelizar*

Módulo IV

Sumário

INTRODUÇÃO	6
1º TEMA: A FÉ NASCE E CRESCE NA FAMÍLIA	7
1.1 FORMAÇÃO 1: O CONCEITO DE FAMÍLIA NA VISÃO DA IGREJA CATÓLICA	7
2. VICENTE PALLOTTI E SUA MÃE	12
2.1 FORMAÇÃO 2: A BIOGRAFIA DE SUA MÃE	12
3º TEMA: A PESSOA DE VICENTE PALLOTTI	16
3.1 FORMAÇÃO 3: O SEU ITINERÁRIO PESSOAL	16
4º TEMA: PREPARAÇÃO PARA O SACERDÓCIO.....	20
4.1 FORMAÇÃO 4: EM BUSCA DA GLÓRIA DE DEUS.....	20
5º TEMA: UMA VIDA DE SANTIDADE	24
5.1 FORMAÇÃO 5: UM SACERDOTE SANTO	24
6º TEMA: A PESSOA DE PALLOTTI.....	32
6.1 FORMAÇÃO 6: A SANTIDADE É PARA TODOS	32
6.2 FORMAÇÃO 7: OS TESTEMUNHOS SOBRE A VIDA DO SANTO	37
7º TEMA: A ANTROPOLOGIA PALOTINA	41
7.1 FORMAÇÃO 8: O HOMEM É IMAGEM DE DEUS	41
8º TEMA: CHAMADOS PARA EVANGELIZAR.....	48
8.1 FORMAÇÃO 9: UMA IGREJA EM SAÍDA	48
8.2 FORMAÇÃO 10: O APOSTOLADO DE TODOS	53
ANEXO I.....	56
1 PROCEDIMENTOS PARA O COMPROMISSO APOSTÓLICO NA UAC	56
2 O ATO DE COMPROMISSOAPOSTÓLICO	57
3 O ESTATUTO GERAL DA UNIÃO DO APOSTOLADO CATÓLICO	60
PARTE 1 – NATUREZA, MISSÃO E ESPIRITUALIDADE	60
CAPÍTULO 1 – NATUREZA	60
CAPÍTULO 2 – MISSÃO	61
CAPÍTULO 3 – ESPIRITUALIDADE	62
PARTE 2 – MEMBROS	63
CAPÍTULO 5 – DIREITOS E DEVERES.....	63
CAPÍTULO 6 – SAÍDA DA UNIÃO	64
4 DOCUMENTOS PARA O PEDIDO DE COMPROMISSO APOSTÓLICO.....	65
5 REQUERIMENTO	66
6 RITO DE AGREGAÇÃO NA UNIÃO DO APOSTOLADO CATÓLICO	69
ANEXO II	71
1 LEITURAS COMPLEMENTARES	71

APRESENTAÇÃO

A família palotina se alegra e agradece ao Padre Valdeci Antonio de Almeida pela publicação do Manual de formação palotina (vol. IV) – O apostolado de todos: chamados para evangelizar. Escrito em oito tópicos e com diversas subdivisões, o Manual de formação palotina (vol. IV) insere a pessoa do Fundador no contexto de sua origem familiar e social, procurando responder às necessidades apostólicas do presente. Olhar para o matrimônio como Cristo e aprofundar a vida familiar de São Vicente Pallotti significa lançar a claridade da fé sobre a família como uma realidade humana e divina; significa, também, acompanhar as famílias distantes da vida cristã, com paciência e misericórdia.

O ministério sacerdotal recebido em 16 de maio de 1818 na basílica São João Laterano fez de São Vicente Pallotti um servidor universal da graça de Deus, pois o sacerdócio não foi para si mesmo, mas um serviço à Igreja e à humanidade. Daqui compreendemos a pessoa do Padre Vicente, um sacerdote santo, um homem de Deus para servir aos mais pobres e buscar unicamente a glória do próprio Deus e não o louvor à sua pessoa. Foi um sacerdócio da reconciliação, uma verdadeira opção pelos pobres, capaz de entrar em sintonia com suas necessidades materiais e espirituais, compreender a alma humana, aliviar o peso dos sofrimentos do cotidiano, reconhecer que ninguém está definitivamente concluído, mas estamos todos a caminho da perfeição que encontra em Cristo sua realização.

Nesse sentido, compreendemos que o testemunho dos santos na vida da Igreja é urgente e atual, pois eles nos mostram que a santidade é uma vocação universal. Cada santo é uma missão, é um projeto do Pai que visa refletir e encarnar no presente um aspecto do Evangelho. Concretamente, a santidade é viver em união com o Senhor os mistérios da sua vida e consiste em associar-se de uma maneira única e pessoal à morte e ressurreição de Jesus Cristo, ou seja, morrer e ressuscitar continuamente com Ele para que a vida do Senhor seja vivida em nós, os batizados. Assim, cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da inesgotável pessoa de Jesus Cristo e a oferece ao povo de Deus. A santidade dá-se no contexto da comunidade que implica aceitação e disponibilidade para uma missão como um exercício responsável e generoso.

A antropologia palotina, outro subtítulo do Manual de Formação Palotina (vol. IV), é a bíblica noção do ser humano como imagem e semelhança de Deus. Missão significa que Deus chama e envia a todos para que participemos de Sua caridade. A criação humana expressa o desejo do próprio Deus de ter uma criatura para comunicar todo o seu amor e, para refletir essa imagem criacional. Assim, é necessário permanecer em Deus e em seu amor, como diz São João: “Deus é amor, quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus permanece nele”. (1 Jo 4,16). Se, portanto, o ser humano quer estar em Deus, reflete Pallotti, saiba que já foi amado por Deus desde toda eternidade e o será para sempre. Por isso, Deus aguarda uma resposta livre do ser amado, o humano, e aqui encontramos a fé, ou seja, a resposta amorosa à iniciativa de Deus Amor.

A missionariedade palotina, como resposta ao amor incondicional de Deus, é a prática universal da caridade à pessoa humana, independentemente da religião, da origem, da opção política ou ideológica. Tal conceito impede qualquer forma de fundamentalismo religioso ou político que, em última análise, significa uma instrumentalização da própria fé.

As obras de caridade na vida de São Vicente Pallotti manifestam sua total união com Deus e seu serviço aos pobres. O Papa Francisco exorta-nos continuamente para que sejamos uma Igreja em saída. Essa condição de Igreja em saída tira-nos de dentro da Igreja (o templo material) e leva-nos para a realidade que nos circunda, proporcionando um conhecimento da política local, da situação das famílias e dos problemas sociais do bairro no qual vivemos. Sair significa conhecer o ser humano, significa reconhecer que o mundo é maior que a nossa própria vida e que nossos problemas pessoais estão dentro de um contexto mais amplo que o do privado. Se São Vicente Pallotti não saísse de si em direção a Deus e ao próximo, ele jamais teria realizado a experiência de ser tudo para todos. Incansável, ele andava por todas as partes da cidade de Roma, nas diversas associações, orientando retiros, organizando missões populares, oferecendo atendimento aos padres e seminaristas; foi também presente na vida das consagradas, estudou as Escrituras e as ciências, mas, principalmente, ele saiu do egoísmo que amarra para tornar-se próximo aos pobres.

No entanto, para que a resposta de fé perdure no tempo, seja eficaz e constante, São Vicente Pallotti formou uma associação para a qual chamou a todos para ao apostolado. Essa associação é a União do Apostolado Católico (UAC) que nasceu de um movimento de saída da Igreja em direção à realidade e produziu uma resposta fundamentada na fé. A UAC é amparada por um estatuto reconhecido pela Igreja e sua finalidade é produzir frutos de caridade para o ser humano de hoje e em seu contexto histórico-social e não viver somente dentro dos muros da Igreja. A vocação da UAC é ser uma Igreja em saída e em resposta aos apelos do presente para que a Boa Nova não seja algo antiquado, mas responda aos anseios do ser humano de hoje.

Por fim, podemos dizer que o Manual de Formação Palotina (vol. IV) - O apostolado de todos: chamados para evangelizar une conceitos e experiências de vida, pois o autor, Padre Valdeci Antonio de Almeida, com uma longa história no campo formativo e com diversas publicações, oferece à família palotina de língua portuguesa um material que será imprescindível para a formação do carisma.

Pe. Denilson Geraldo, SAC.

Solenidade da Assunção de Maria, 2019.

INTRODUÇÃO

Depois de uma longa pesquisa e de ouvir muitos pareceres dos membros da União acerca de como deveria ser o processo formativo da mesma, e com a nomeação do Pe. Valdeci Antonio de Almeida, SAC, como responsável pela produção de material de estudos, decidiu-se elaborar um manual, em quatro módulos, para que os simpatizantes do carisma deixado por São Vicente Pallotti, o apostolado católico, e os que desejam fazer o *compromisso apostólico* pudessem ter uma visão geral do que é ser palotino. O primeiro módulo tem como objetivo ajudar os fiéis a descobrirem o valor da oração, vivenciando o Cenáculo tão desejado por Pallotti, ou seja, de ter uma vida aberta à graça do Espírito Santo, para que unidos em comunidade recebam o impulso da missão evangelizadora, e, assim, partilhar da mesma graça recebida, com tantos irmãos desejosos de conhecer e de vivenciar o amor misericordioso de Deus em suas vidas. O segundo módulo propõe métodos de oração e orações próprias da comunidade palotina, para ajudar os interessados a viverem em espírito de oração, mas em comunidade, a exemplo dos apóstolos, juntamente com Maria e tantas outras pessoas. O terceiro módulo tratou da espiritualidade e do carisma apostólico, ou seja, qual foi a proposta de Pallotti deixada ao clero, aos religiosos/as e aos leigos. Por fim, o quarto módulo desenvolverá temas relacionados à família e à infância de nosso fundador e todo o seu itinerário pessoal que o conduziu a uma vida de santidade, a sua descoberta do amor misericordioso de Deus e de que o apostolado é para todos os batizados e acessível a tantos colaboradores, mesmo que não professem a mesma fé.

À medida que avançamos no aprofundamento do nosso modo de ser e de agir, descobriremos que o jeito palotino de trabalhar se insere na proposta do Papa Francisco, quando convoca todos os cristãos a saírem dos ambientes fechados da Igreja, denominando “Igreja em saída”, ou seja, ir ao encontro das pessoas em suas periferias existenciais, para levar o remédio de Cristo a tantos corações feridos pela falta de amor e acometidos pelo ódio e pela desesperança. Assim, diz o Papa: “hoje todos somos chamados a esta nova saída missionária. Cada cristão, cada comunidade e sacerdotes devem sair do conforto e ter a coragem de chegar a todas as periferias existenciais que precisam da luz do Evangelho. Esse é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado”¹. Ele afirma ainda: “Jesus Cristo, através da Igreja, continua a sua missão como Bom Samaritano, cuidando das feridas sangrentas da humanidade e sua missão de Bom Pastor, buscando sem descanso quem se extraviou por veredas enviesadas e sem saída”².

Este último módulo formativo apresentará, também, dois anexos contendo, de modo prático, os procedimentos para aqueles que decidirem fazer o pedido para ser um membro efetivo da UAC, por meio do *compromisso apostólico*, que seria uma forma de cada batizado vivenciar a sua fé de modo mais estreito e associativo. Esta seria a resposta prática daqueles que aprenderam, por meio dos estudos feitos, que todos somos chamados a viver o Evangelho no cotidiano da vida, conforme o estado em que cada um se encontra. E agora, qual será a sua resposta?

Pe. Valdeci Antonio de Almeida, SAC.

¹ Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, do Papa Francisco, 2013, n. 20.

² Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial das Missões 2017, 4 de junho de 2017, nº 5.

1º TEMA: A FÉ NASCE E CRESCE NA FAMÍLIA

1.1 FORMAÇÃO 1: O CONCEITO DE FAMÍLIA NA VISÃO DA IGREJA CATÓLICA

Tempo estimado: de 50min a 60min

Dirigente: dar as boas vindas aos participantes e iniciar com o sinal da cruz.

Todos: Iluminado pela santa fé, creio que há um Deus eterno, infinito, imenso incompreensível, infinitamente feliz em si mesmo, desde toda a eternidade. Um na essência e trino nas pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, infinito nos atributos e perfeições. Onipotente, pode fazer tudo, exceto pecar e morrer, porque é santidade infinita e vida por essência. Creio que a primeira pessoa se chama Pai, porque, desde toda a eternidade e por toda a eternidade, gerou e gera a segunda pessoa, que é e se chama o Filho. Creio que o mesmo Deus, sem precisar das criaturas, sempre com amor infinito e movido por infinita misericórdia, criou do nada o céu, a terra e tudo quanto existe. (Deus, amor infinito, p. 87-89).

Glória ao Pai...

Família: santuário da vida

A nossa Igreja sempre defendeu a família como algo sagrado, desde a sua origem (Gn 1,26). Ela é sagrada, porque foi criada por Deus e, desde o princípio, foi a base de toda a sociedade. O Concílio Vaticano II chamou a família de “Igreja doméstica”³, onde Deus reside e é reconhecido, amado, adorado e servido; e ensinou que “a salvação da pessoa e da sociedade humana estão intimamente ligadas à condição feliz da comunidade conjugal e familiar”⁴.

São João Paulo II chamou a família de “Santuário da vida” (Carta às Famílias,11) e “patrimônio da humanidade” (LG,11). Ele continuou: “A família é uma comunidade insubstituível por qualquer outra”. Jesus habita com a família cristã, nascida no Sacramento do Matrimônio; a Sua presença, nas Bodas de Caná da Galileia, significa que o Senhor quer estar no meio dela, ajudando-a a vencer todos os seus desafios.

A família é o eixo da humanidade, a célula mãe, o futuro da sociedade e da Igreja. É nela que os filhos e os pais devem ser felizes. Quem não experimentou o amor no seio do lar, terá dificuldade para conhecê-lo fora dele. A família é a comunidade na qual, desde a infância, os filhos podem assimilar os valores morais, podem começar a honrar a Deus e usar corretamente a sua liberdade. Segundo o Catecismo da Igreja Católica: “A vida em família é a iniciação para a vida em sociedade”⁵.

Desde que Deus desejou criar o homem e a mulher “à sua imagem e semelhança” (Gn 1,26), Ele os quis “em família”. Por isso, ela é uma realidade sagrada. Jesus começou sua missão redentora da humanidade na Família de Nazaré. A primeira realidade humana que Ele quis resgatar foi a família; Ele não teve um pai natural aqui, mas quis ter um pai adotivo, quis ter

³ Vaticano II, Mensagens, discursos, documentos, Constituição dogmática *Lumen Gentium* (LG) sobre a Igreja, Paulinas: São Paulo, 2012, p. 185, n. 11.

⁴ Vaticano II, Mensagens, discursos, documentos, Constituição pastoral *Gaudium et Spes* (GS) sobre a Igreja no mundo de hoje, Paulinas: São Paulo, 2012, p. 470, n. 47.

⁵ Catecismo da Igreja Católica, n. 2207.

uma, e viveu nela trinta anos. Com a Sua presença na família, Ele sagrou todas elas, da mesma forma que, ao ser batizado no Jordão, abençoou todas as águas.

A Família de Nazaré sempre foi e será o modelo para todas as outras cristãs. Acima de tudo, vemos uma família que vive por Deus e para Deus; o seu projeto era fazer a vontade de Deus. A Sagrada Família se tornou a escola das virtudes por meio da qual toda pessoa deve aprender e viver desde o lar. José, por sua vez, era o pai, esposo fiel e trabalhador, homem “justo” (Mt 1, 19), homem santo, pronto a ouvir a voz de Deus e cumpri-la sem demora. Foi o defensor do Menino e da Mãe, os tesouros maiores de Deus na Terra. Com o trabalho humilde de carpinteiro deu sustento à Família de Deus, deixando-nos a lição fundamental da importância do trabalho. Em vez de escolher um pai letrado e erudito para Jesus, Deus escolheu um pai pobre, humilde, santo e trabalhador braçal. José foi o homem puro, que soube respeitar o voto perpétuo de virgindade de sua esposa, segundo os desígnios misteriosos de Deus⁶.

A casa de Nazaré

Pallotti via a casa de Nazaré como um “lugar” onde as pessoas vivem unidas, aprendem a rezar, a trabalhar, a se calar, a cumprir seus deveres para com Deus e para com os homens; lugar em que elas se dispõem a adquirir a maturidade necessária antes de se dedicar ao ministério público e aprendem o justo valor das coisas. Por isso, dizia: Todos os que fizerem parte da nossa mínima Congregação tirarão proveito das normas que seguem e observarão as respectivas regras. Cada qual imaginará encontrar-se na casa de Nazaré, a fazer parte da sagrada família do Homem-Deus, e fará por agir com aquela humildade, dependência, simplicidade e disposição de crescer como julga teria agido e progredido se estivera a viver com Jesus, Maria e José.

Como na Santa família da Casa de Nazaré, as obras da fé e da religião se sucediam às obras laboriosas de Carpinteiro e às outras necessárias para vida, de maneira que estava muito distante dela a mínima ociosidade e nela resplandecia o mais perfeito cumprimento de todas as obrigações, assim nos Santos Retiros da Congregação deve ser banida, para sempre, toda e a menor ociosidade⁷.

A grande Regra de Pallotti

Recordando a concórdia e a caridade perfeita que resplandeciam na Casa de Nazaré, todos serão solicitados a ultimar rapidamente as obras do próprio ofício, para terem o mérito da caritativa cooperação que, com humildade e caridade, prestarão aos seus Irmãos nos respectivos ofícios segundo a ordem do Reitor. Desse modo, tornar-se-ão ricos dos sumos méritos da caridade e da obediência⁸.

Vicente insiste na interdependência entre “Nazaré” e “Cenáculo”, porque quer fazer de todas as comunidades um laboratório da cooperação, nas quais se interpenetrem silêncio e colóquio, vida oculta e vida pública, interiorização e exteriorização, oração e ação, estudo e apostolado. Ele desejou estar permanentemente em ambos os lugares, indicando assim a interdependência essencial das duas experiências. Sempre necessitamos das duas. O desafio de

⁶ SAN VINCENZO PALLOTTI, *Opere complete (OO CC)*, a cura di Francesco Moccia SAC, Roma, 1964-1997, vol. II, p. 102, 103, 148, 161, 163, 164, 172.

⁷ OO CC III, 73-74.

⁸ OO CC II, 148-150.

hoje é procurar a missão apostólica que nos torne plenamente evangélicos e procurá-la no contexto da obediência de Nazaré e da missão que brota do Cenáculo⁹.

A Família de Nazaré é para nós, ainda hoje, modelo de unidade, amor e fidelidade. Ela nos ensina que a família, segundo os planos de Deus, deve ser formada por um casal: um homem e uma mulher, e os filhos; e não por uma caricatura de família ou “família alternativa” na qual os pais já não são um casal, mas um par do mesmo sexo. A família desses nossos tempos pós-modernos só poderá se reencontrar e salvar a sociedade se souber olhar para a Sagrada Família e copiar o seu modo de vida: serviçal, religioso, moral, trabalhador, simples, humilde, amoroso. Sem isso, não haverá verdadeira família e sociedade feliz.

A origem dos pais de Vicente Pallotti

O pai de Vicente Pallotti, Pedro Paulo Melchiorre Pallotti, nasceu em 1755, em São Giorgio di Cascia, Úmbria. Era o segundo filho de Loreto Pallotti e Caterina Calori. Em 1770, junto com o irmão Luis vão morar em Roma, quando tinha apenas dezesseis anos de idade, para trabalhar como operário em uma loja de venda de queijos. Iniciou o seu trabalho, na descida de Monte Cavallo (entre o Quirinale e a Fontana di Trevi). Logo conquistou a confiança do patrão, a ponto deste o nomear seu herdeiro testamentário. Ele ampliou o negócio acrescentando aos queijos salames, salgados e outros comestíveis. Mais tarde, ele comprou o negócio dos herdeiros e abriu uma loja perto da via del Pellegrino, onde, em 1795, nasceu o padre Vicente. Dia após dia, Pedro Paulo postava-se atrás do balcão e vendia massas, arroz, lentilhas, despachava porções de carne suína, salames e pedaços de queijo. Conhecia e se relacionava muito bem com todos e com isso foi progredindo no comércio, tanto que logo abriu um novo estabelecimento, na praça Rusticucci. Em 1839, o filho Luigi tinha um estabelecimento comercial nas proximidades da praça de São Pedro¹⁰. Graças ao seu trabalho Pedro Paulo dispunha de suficiente riqueza. Ele foi um homem sempre muito correto e profundamente religioso. Ele, nos dias úteis, ouvia duas missas e, nos dias santos, três¹¹. Comungava todo domingo, até com idade avançada, com sol ou com chuva, com frio ou com calor e, todo dia, após o almoço, saía para visitar o Santíssimo Sacramento, na Igreja que o estivesse expondo para adoração das quarenta horas. Quando jovem, levava consigo a esposa e filhos.

Geovanni, um dos filhos, afirmou que toda noite o pai rezava o rosário com a família. Nunca disse uma palavra torpe. Cuidava amorosamente da inocência dos filhos e os protegia de todo pecado, sobretudo da blasfêmia e da impureza. Não conseguia pronunciar o nome de Maria sem lágrimas. Mesmo quando trabalhava, ele tinha o rosário em suas mãos. Por isso, o Pe. Vicente, após a sua morte, definiu-o como ótimo pai. “Em meu pai, Deus tinha-me presenteado com um exemplar de muitas virtudes. Ele fez também um retrato dele com os seguintes dizeres: Retrato do meu ótimo pai Pedro Paulo, falecido no dia 15 de setembro, pelas 15h, no ano de 1837, com cerca de 87 anos. Reze por mim e abençoe a mim e a meus irmãos. Indigníssimo filho Vicente Pallotti”. Este retrato pode ser visto no quarto do santo¹².

⁹ STAWICKI, Stanislaw, *A cooperação paixão de uma vida*, Biblos: Santa Maria, 2007, p. 502.

¹⁰ SAN VINCENZO PALLOTTI, *Opere complete lettere (OCL)*, a cura di Bruno Bayer, Roma, 1995-2010, vol. III, p. 49.

¹¹ AMOROSO, Francesco, *São Vicente Pallotti Romano*, Biblos: Santa Maria, 2006, p. 23.

¹² Idem, p. 24-25.

A família De Rossi

Os pais de Maria Maddalena De Rossi transferiram-se para Roma, alguns meses antes do seu nascimento. Eram provenientes da região entre Norcia e Cascia. O pai, Giuseppe De Rossi, de Fogliano; a mãe, Cecilia Coppi, de Colle d'Avenida¹³. Também eles foram para Roma a fim de buscar melhores condições de vida, visto que após a guerra dos sete anos havia uma grande carestia na região. Ela nasceu em Roma, em 1765, na populosa Ilha Tiberina. Foi batizada logo após o seu nascimento, na Igreja de Santo Angelo in Pescheria. A sua mãe era muito religiosa, ofereceu-a a Deus antes de nascer e depois a educou com muito cuidado a respeito da fé e da caridade. Ainda muito jovem começou a jejuar a pão e água nas sextas-feiras da Quaresma. Aos doze anos tornou-se instrutora de catequese para as outras meninas¹⁴.

Por um certo tempo, o pai conseguiu ter um pequeno negócio e depois foi à falência. Maria Madalena teve a oportunidade de aprender a ler, a escrever e fazer contas. Em 1784, morreu a sua mãe aos cinquenta e três anos. Ela teve sete filhos, dos quais quatro meninos morreram ainda criança e ficaram apenas três meninas. Maria Madalena assumiu o posto da mãe, porque era a mais capaz de dirigir a casa, empenhando-se com muita responsabilidade. Cuidou da mais nova e contribuiu eficazmente para que a maior vestisse o hábito religioso. Com a perda da mãe, ela entrou em uma crise, e um sonho a tirou dela. Viu nossa Senhora que a apresentava ao seu menino, quando este, em vez, dirigia o olhar em direção oposta, como se a rejeitasse. Assustada, retomou, juntamente com as duas irmãs, as orações e a vida religiosa¹⁵.

Para poder sobreviver, trabalhou duramente, porém não se sabe o tipo de trabalho. É provável que trabalhou como criada, como era costume na época. Obediente, respeitosa e confiável, cativou os seus patrões. As meninas órfãs passaram por muitas provações e dificuldades a ponto de Pallotti escrever: as três irmãs foram maltratadas, odiadas, desprezadas e escoraçadas, isso provinha de algum familiar, que Pallotti definiu com a cruz de uma longa série de gravíssimas tribulações. Estas tribulações cessaram, segundo o santo, com o seu casamento com Pedro Paulo. Ele era um homem de poucas palavras, mas um bom esposo e hábil comerciante. Com certeza, algo aconteceu no ano de 1790, porque Marta entrou para o convento das Filhas de Santa Clara e professou os votos em 1790, com o nome de Ir. Rita. Francisca casou com Ângelo Ugoloni (1835) e Maria Madalena com Pedro Paulo¹⁶.

Se Pedro Paulo era um homem muito religioso, Madalena foi uma santa. Sua virtude se revelou principalmente nos muitos sofrimentos que teve de suportar. Enquanto Pedro Paulo passava a maior parte do dia no balcão, Madalena conduzia a vida familiar com sua presença e sempre preocupada na educação dos filhos e instruindo-os na doutrina de Jesus Cristo, a fim de instalar neles o temor santo de Deus e o horror ao pecado¹⁷. Fazia os trabalhos domésticos sozinha, pois não admitia ajuda para não expor os filhos aos maus exemplos. Manteve os filhos ocupados em praticar o bem, em fazer as orações, em estudar e em trabalhar¹⁸.

¹³ Cf. FALLER, Ansgário, SAC, *Duecento anni fa*. In: Regina degli Apostoli, anno XXVIII, n. 9, setembro 1963, p. 19-25. LONDERO, Ângelo (Org.), *Horizontes palotinos*, vol. 2, Biblos: Santa Maria, 2009, p. 373.

¹⁴ TODISCO, Franco (org.), *São Vicente Pallotti*, Biblos: Santa Maria, 2006, p. 47.

¹⁵ OO CC XIII, 921-922.

¹⁶ OO CC XIII, 922.

¹⁷ OO CC XIII, 928.

¹⁸ TODISCO, p. 47.

2. VICENTE PALLOTTI E SUA MÃE

2.1 FORMAÇÃO 2: A BIOGRAFIA DE SUA MÃE

Tempo estimado: de 50min a 60min

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Todos: Deus, ao dar-nos o seu divino Filho, feito homem por nós, como irmão primogênito, deu-nos também por mãe, a própria mãe santíssima de seu divino Filho e, por irmãos, todos os santos. Com isso, garantiu-nos também os cuidados que nos dispensam todos os santos anjos. Amém.

Ave-Maria...

Conversar sobre a experiência do compromisso assumido, anteriormente, de rezar e de ajudar alguma família.

Seria oportuno entregar aos participantes canetas e lápis para que possam fazer anotações, grifar as partes do texto que mais chamaram a atenção.

Minha santa mãe

Uma semana após a morte de sua mãe, em Camaldoli, perto de Fracati, Pallotti escreveu a biografia de sua mãe, endereçada ao Padre Bernardino Fazzini, seu diretor espiritual. Fazzini estava escrevendo, em segredo, a vida do seu filho espiritual e tinha-se dirigido a ele para ter notícias a respeito de sua mãe há pouco falecida. O santo respondeu-lhe, em 29 de agosto de 1827, com uma longa carta. A sua preocupação, nesta biografia, não era a cronologia dos fatos, mas realçou os inícios, o desenvolvimento e o tipo de santidade da mãe.

Assim iniciou a narração:

O recolhimento do Eremitério, o exemplo edificante destes religiosos eremitas, a sua devota e afetuosa salmodia, no tempo em que ainda vivamente me ocupa o pensamento da morte da minha boa mãe, acontecido no dia 19 de julho passado, ao anoitecer, parece ser para mim um meio oportuno para mais fortemente reconcentrar o meu espírito na meditação dos benefícios, que o Pai das misericórdias se dignou dar à minha mãe, que, desde o dia que nos deixou órfãos sobre esta terra, a imagino diante do Trono do Altíssimo em ato de agradecer ao seu Benfeitor por toda a Eternidade²⁰.

No seu escrito apresentou a sua mãe como uma mulher marcada pelo sofrimento. Tudo isso foi visto como um meio de Deus purificá-la para ser a mãe de um grande santo. Uma parte de seus sofrimentos cessou após o casamento com Pedro Paulo, visto que o marido lhe deu uma segurança econômica, provendo sozinho as necessidades da família. Mas outras preocupações continuaram a afligi-la. Por muitos anos, ela sofreu por causa do seu infeliz pai que, por motivo de dívidas, perdeu tudo o que tinha²¹. Depois, por causa da sua irmã Francesca, que casou com um escultor, que logo ficou sem trabalho. Essa irmã morava próxima de sua casa, na Via da Igreja Nova e ali morreu, depois de uma longa e penosa doença. Além das antigas preocupações, agora surgem novas situações com a supressão napoleônica da vida religiosa. A sua irmã Marta

²⁰ *Horizontes palotinos*, vol. 2, p. 371-372. (OCC III, 916-917).

²¹ *Idem*, p. 374.

(Ir. Rita), em 1810, foi expulsa do convento de Santa Catarina, em San Gemine e retornou a Roma²².

Outros parentes e conhecidos, sofridos e atribulados, se lhe ajuntaram, e ela sempre procurou socorrê-los da melhor forma possível. Os pobres conheciam bem a casa Pallotti. Carestia, revolução e ocupação militar, epidemias e outras misérias não cessaram de estimular a sua intervenção em obras de caridade. Ela era uma mulher sensível e desejosa de toda a perfeição. Ela mesma, sempre fraca de saúde, antes de morrer, em 19 de julho de 1827, foi atormentada, durante três anos, por um tremendo câncer nos intestinos que, no fim, se estendeu a todo o corpo. Mas, antes de sua morte, o seu sensibilíssimo coração morreu seis vezes, com cada um dos seus filhos que se foram deste mundo, cinco dos quais em tenra idade. Sofria especialmente pela morte de Benjamim Francisco (1807-1822), que parecia vir a ser outro São Vicente.

Com razão, Pallotti podia dizer de sua mãe:

O Pai celeste tinha-a tornado imagem de seu Filho crucificado (...). Ainda quando jovem, Deus, por meio de orações muito frequentes, humildes e confiantes (...), a dispunha abraçar a Cruz de uma longa série de gravíssimas tribulações, fortalecia-a para que, em qualquer perigo, jamais elas viessem a cair, assim como realmente aconteceu (...). Embora fossem maltratadas, odiadas, desprezadas e escorraçadas, contudo a graça, que reavivava nelas a ideia de que muito mais ainda tinha sofrido Nosso Senhor Jesus Cristo, dava-lhes conforto e consolo; mas Deus que queria torná-las outras imagens de seu Filho Crucificado, permitiu também a perda dos seus bens materiais²³.

Mesmo diante de tantos sofrimentos, Pallotti observa que, em vez de diminuir, crescia nela o amor a Deus, o afeto pelas coisas santas, o empenho pela frequência dos Santos Sacramentos²⁴. “Concedido tais iluminações de fê, tais sentimentos de religião, e tal vivacidade de devoção que eu ousaria chamá-la de esposa do Santíssimo Sacramento (...) que ela recebia sacramentalmente uma ou mais vezes por semana”²⁵. E isso em um tempo em que dificilmente se permitia comungar, sem motivos especiais, mais de uma vez por semana. E continua Pallotti: “Cada dia, devotamente, assistia à Santa Missa, embora estivesse muito sobrecarregada com os trabalhos da família, dos quais, porém, dava conta pontualmente”²⁶.

E, depois de ter contado a vida da mãe, o filho a resume com as seguintes palavras: “Podia-se dizer que ela vivia crucificada, mas nos últimos três anos de sua vida mortal cresceu ainda mais a crucificação”²⁷.

Da mesma forma que Paulo escreve em Gálatas 2, 20 - “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim”. Assim Maria Madalena viveu de modo voluntário, não cedendo nunca ao mal, vivendo uma vida realmente cristã, uma vida

²² Idem, p. 375.

²³ Idem, p. 376. (OO CC XIII, 922).

²⁴ OOCC XIII, 923.

²⁵ OO CC XIII, 925.

²⁶ *Horizontes palotinos*, p. 376. (OO CC XIII, 926).

²⁷ OOCC XIII, 929.

desprezada. Assim, tornou-se uma testemunha do Cristo e uma cooperadora na redenção do mundo²⁸.

“A mãe, Cecília, instilou-lhe uma tão devota veneração aos sacrossantos mistérios da nossa santíssima religião que, ainda quando era bem jovem, jejuava a pão e água nas sextas-feiras (...) em preparação à memória do mistério da redenção, e não podia meditar a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e os sofrimentos de Maria Virgem Dolorosa sem derramar abundantes lágrimas. E, por vezes, era obrigada até a suspender tal meditação por causa da grande violência que sofria em seu coração”²⁹.

“A sua doença tornou-se agudíssima ao ponto de causar horror; uma úlcera geral interna, que da boca se estendia a todas as partes internas, dilacerava-a com dores atrocíssimas que faziam arrepiar qualquer um que estivesse presente”³⁰. “Apesar de tudo, ela agradecia a Jesus com lágrimas de ternura, porque se dignara visitá-la com tal doença”³¹. Continua Pallotti: “A sua pessoa apresentava uma imagem do crucificado, e assim eu a via como esposa do crucificado (...). Quanto mais ia perdendo a vida do corpo, tanto mais ela se enchia de Deus (...) de maneira que se podia dizer que estava cheia de Deus, chegando até a ter um sumo prazer por Deus tê-la golpeado tão gravemente”³².

Numa conversa ela disse ao filho: “Eu antes dizia que Nossa Senhora, se tivesse recebido tantas graças, podia ter razão, porque teve Jesus Cristo, que lhe queria bem, mas agora vejo que Ele quer bem também a mim (...). Estava tão persuadida de que Jesus Cristo lhe queria bem que, mais vezes, tranquila e docemente, dizia: “Jesus Cristo disse: eu sou o Bom Pastor, as minhas ovelhas me conhecem pela voz, e ninguém pode arrebatá-las, assim ninguém me poderá arrebatá-lo de Jesus Cristo”. Tudo isto dizia ela com sentimentos de grande confiança e humildade, visto que, embora sofresse de boa vontade e com perfeita conformidade com a vontade divina, e por isso com grande merecimento, dores tão atrozes, nunca me faltou de ir ao Paraíso pelos méritos, mas sempre reconhecendo-se indigna dele, esperava-o tranquilamente pela misericórdia de Deus”³³. “Apenas expirada, viu-se no seu rosto um não sei o que de atraente que me faria dizer que nela se via um ar de paraíso; o seu cadáver não provocava espanto, mas veneração e eu em veneração de um corpo que chamaria corpo de mártir”³⁴.

Esta é, brevemente, a vida de uma mulher, Maria Madalena, que teve influência decisiva na formação de seu filho. Vicente Pallotti, mais ou menos conscientemente, adquiriu justamente dela grande ideia de Deus. Por isso, é que ele agradecia a Deus por ter sido educado por pais santos e por tudo o que, na sua existência terrena, o elevou e oprimiu. Pode-se dizer que uma característica da sua particular vocação e eleição reside no fato de que, com o leite materno, absorveu a ideia do divino e familiarizou-se com os mistérios de Deus. Por esse motivo, ele é particularmente reconhecido à sua mãe à qual lhe transmitiu a grande ideia de Deus e do santo temor do Altíssimo e do Infinito³⁵.

²⁸ Idem, p. 377.

²⁹ OO CC XIII, 919

³⁰ OO CC XIII, 930.

³¹ OO CC XIII, 931.

³² OO CC XIII, 931-932.

³³ OO CC XIII, 932-933.

³⁴ *Horizontes palotinos*, p. 379. (OO CC XIII, 949).

³⁵ Idem, p. 380.

3º TEMA: A PESSOA DE VICENTE PALLOTTI

3.1 FORMAÇÃO 3: O SEU ITINERÁRIO PESSOAL

Tempo estimado: de 50min a 60min

Preparação do ambiente – Opcional – (Módulo II – item 1 – p. 9).

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Todos: Deus, ao dar-nos o seu divino Filho, feito homem por nós, como irmão primogênito, deu-nos também por mãe, a própria Mãe Santíssima de seu divino Filho e, por irmãos, todos os santos. Com isso, garantiu-nos também os cuidados que nos dispensam todos os santos anjos. Amém.

Seria oportuno entregar aos participantes canetas e lápis para que possam fazer anotações, grifar as partes do texto que mais chamaram a atenção (por sugestão própria ou do dirigente).

Quem foi Vicente Pallotti

Vicente Luis Francisco Pallotti, o terceiro filho, nasceu no dia 21 de abril de 1795. Foi batizado no dia seguinte do seu nascimento, na Basílica de São Lorenzo in Damaso. O batismo foi realizado nesta Igreja, porque ali havia a fonte batismal para as Igrejas e paróquias da região. Existe uma inscrição ao lado da pia batismal que recorda o seu batismo³⁶.

O frequente contato com a vida de oração e a escuta da Palavra de Deus, levou-o a ter um profundo zelo pela causa do Reino. Suscitou também grande amor pela Igreja e pelos irmãos desvalidos. Ainda muito pequeno, quis dedicar sua vida ao serviço de Cristo, através da vida consagrada. Desejava ser franciscano, mas por ter característica física franzina, e pelo fato de os franciscanos praticarem ascese muito rigorosa, foi aconselhado pelo seu diretor espiritual, Pe. Fazzini, a não ingressar na Ordem dos franciscanos. Diante disso, aos quinze anos de idade, começou a receber formação para a vida diocesana. No dia 16 de maio de 1818, ele foi ordenado sacerdote.

Fundou a União do “Apostolado Católico” (UAC), uma Associação de padres, religiosos e leigos, com a missão de reavivar a fé e reacender a caridade, servindo a Cristo, o Apóstolo do Pai. Seu último gesto em nosso meio foi o de dar seu próprio agasalho a um mendigo, quando fazia frio e chovia sem parar. Por causa disso, ele foi acometido por uma pneumonia que o levou a óbito no dia 22 de janeiro de 1850, com 55 anos de idade. Cem anos depois, em janeiro de 1950, Pio XII o proclamou beato, e João XXIII o canonizou, no dia 20 de janeiro de 1963, durante o Concílio Vaticano II.

O caminho percorrido por Pallotti

Vicente Pallotti viveu como qualquer outro jovem da sua idade. Passou sua infância no centro de Roma. Participava da vida social em meio aos trabalhos cotidianos da família, convivendo com pessoas de todas as classes sociais que frequentavam a mercearia de seu pai.

³⁶ KUPKA, Jan, *São Vicente Pallotti, Modelo de santidade apostólica*, Velar, 2016, p. 12.

Naquele ambiente aprendeu a observar as pessoas e a sentir as suas reais necessidades. Ele percebeu que elas buscavam alimento para nutrir o corpo, mas algo lhe dizia que precisavam também de saciar a alma.

No confronto com cada uma delas, viu que, independente da sua história pessoal, estava diante de um ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus, que precisava ser amada e respeitada. À medida que crescia esse sentimento, aumentava nele a necessidade de partilhar com todos a experiência que fizera do amor de Deus. Essa sua sensibilidade foi sendo cada vez mais ampliada a ponto de escrever:

Ao pensar, ao ouvir falar ou ver pessoas aflitas, angustiadas, atribuladas, cansadas, sobrecarregadas, fatigadas, como, por exemplo, pobres fabricantes de chaves, lavradores, carroceiros, carpinteiros, pedreiros, pobres mulheres aflitas pelos trabalhos domésticos, angustiadas e doentes por causa dos filhos, pelas longas vigílias que devem fazer, quando os filhos adoecem, quando devem cuidar deles, amamentá-los (...). Se eu mesmo ou uma outra pessoa pudesse penetrar em todos os ângulos da terra e enxergar de uma só vez as misérias que afligem a pobre humanidade, eu acredito firmemente que o coração humano não suportaria uma tal visão, mas todos morreriam de dor³⁷.

No seu dia a dia, encontrou pessoas insatisfeitas com a vida, outras à beira do desespero devido a tantos sofrimentos. Foi insuportável para ele presenciar tudo isso. Diante de Deus, tomou a firme resolução de oferecer aquilo que possuía para amenizar os sofrimentos de tantos irmãos. Muitas vezes deixou de tomar o seu lanche para doá-lo a quem tinha fome, doou seus sapatos a um pobre e sua cama a um enfermo que dormia desconfortavelmente. A sua fé em Jesus Cristo foi quem o motivou a sair do seu conforto, para ajudar àqueles que eram penalizados pela vida.

As testemunhas do seu processo de beatificação atestaram esse seu interesse especial pelas coisas de Deus. Ainda muito pequeno contemplava fixamente uma imagem de Maria e começou a preocupar-se pelo cultivo das virtudes. Dava a impressão de ser um menino tranquilo e modesto nos seus gestos. Cinquenta anos mais tarde, os vizinhos ainda recordavam a sua compaixão pelos mais pobres e necessitados.

Quando tinha doze anos de idade, em 1807, começou a fazer direção espiritual com o Padre Bernardino Fazzini, que foi seu confessor até o seu falecimento, em 1838³⁸. Ele teve um papel decisivo na vida espiritual de Vicente, conduzindo-o a santidade. Ele inculcou no jovem Pallotti a prática da mortificação corporal, pois logo percebeu que seu dirigido possuía dotes especiais e graças singulares. Para cooperar com elas, era necessário entrar pelo caminho da mortificação e da penitência. Certa vez, sua mãe pediu que Fazzini desaconselhasse Vicente a fazer as mortificações, porque a sua saúde era frágil. Fazzini limitou-se a dizer-lhe que o dedo de Deus estava dirigindo o trabalho. Parece provável que, já na infância, Vicente Pallotti tenha sentido forte atração pelo sacerdócio. Como adolescente sentiu-se atraído pelos ideais e pela austeridade da Ordem Franciscana Capuchinha, mas o seu diretor espiritual o desaconselhou por causa da sua saúde e pelo fato de que deveria desempenhar um trabalho não no claustro,

³⁷ GAYNOR, Juan Santos, *Vida e obra de São Vicente Pallotti*, Santa Maria, 2000, p. 34-35. (OO CC X 19-20).

³⁸ TODISCO, p. 60-61. AMOROSO, Francesco, *São Vicente Pallotti romano*, p. 26-27.

mas no mundo. Fazzini morreu com oitenta e dois anos de idade e seu filho espiritual o acompanhou em sua enfermidade e falecimento³⁹.

Os dois viveram esta amizade verdadeira durante trinta anos. O cardeal Lambruschini afirmava que, desde pequeno, Vicente teve o dom do amor de Deus. Aos seis anos foi crismado, tendo como padrinho seu tio que também levava o nome de Vicente Pallotti. Aos nove anos, seu primo Francisco percebeu que, por penitência, Vicente usava como travesseiro um pedaço de madeira. Aos dez anos, ele fez a primeira comunhão e recebeu licença para comungar todos os dias, o que na época, era coisa rara. Vicente manifestava sinais de santidade desde a infância.

Aos quinze anos de idade, em 1810, Vicente decidiu entrar para o clero secular. Com o triunfo da Revolução Francesa, os seminários e colégios estavam fechados e os aspirantes ao sacerdócio deveriam prosseguir seus estudos, vivendo com os pais. Por causa disso, Pallotti fez toda a sua formação morando na casa paterna. As autoridades da Igreja não deixavam de prover a formação dos estudantes, que, em cada paróquia, estavam submetidos ao cuidado especial do pároco do lugar. Esse preocupava-se em que os grupinhos de clérigos participassem nos atos de piedade em comum. Havia também confrarias e centros especiais de reunião para eles, para estimulá-los e assim suprir, de alguma forma, a falta de vida comunitária, tão característica da formação seminarística⁴⁰. Vicente inscreveu-se na confraria de Nossa Senhora do Pranto, mas logo integrou a diretoria, depois presidiu-a por longo tempo e só foi obrigado a renunciar devido ao acúmulo dos trabalhos apostólicos⁴¹.

Vicente Pallotti queria viver somente para Deus

Roma, no tempo de Pallotti vivia momentos políticos muito difíceis, devido à invasão napoleônica nos Estados Pontifícios, mas, mesmo assim, ele sempre cultivou uma vida espiritual muito intensa. Desde jovem, ele escrevia suas orações, contemplações e propósitos e de tanto em tanto os lia, novamente, para verificar o grau de sua fidelidade a Deus.

Vicente, através de suas grandes metas, com sua ânsia pelo infinito, manifestava que sabia bem o que queria. Por isso, ele assumiu muitos compromissos e foi acrescentando outros conforme se sentia impelido pelo Espírito. Seu propósito era o de fazer tudo como teria feito Jesus. Nisso constata-se sua extraordinária maturidade espiritual.

Em seus escritos encontramos:

Invocando a ajuda de Deus Altíssimo, Infinito, Imenso, Incompreensível e pedindo misericórdia ao Cordeiro de Deus vivo, implorando o socorro e a proteção de minha Nossa Senhora e nossa Mãe comum Maria Santíssima (...), darei uma olhada para minha miséria que é grandíssima, para não dizer infinita, e verificando que é absolutamente impossível que eu, pobre criatura, mísera, cega, ignorante (...), possa fazer tudo isto que eu disse, abismando-me em mim mesmo, gritarei do fundo do meu coração: Ah, Senhor, Senhor! Confesso a vossa infinita perfeição e a minha grandíssima e infinita miséria” (...). Em todas as minhas ações entendo que não haja outro móvel e fim que não seja Deus só. Ah, Deus meu! Deus, meu, tudo, tudo, tudo!

³⁹ GAYNOR, p. 19.

⁴⁰ Idem, 20-22.

⁴¹ Idem, p. 24.

4º TEMA: PREPARAÇÃO PARA O SACERDÓCIO

4.1 FORMAÇÃO 4: EM BUSCA DA GLÓRIA DE DEUS

Tempo estimado: de 50min a 60min

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Todos: Meu Deus, Pai meu, luz inacessível, riqueza eterna, bem infinito, amor e misericórdia infinita, meu tudo. Quem jamais chegará a compreender as infinitas, amorosas e misericordiosas inventivas da vossa caridade e misericórdia infinita, na criação de todas as coisas visíveis? Seu destino é tornar-vos amado pelos homens! Vós não tínheis necessidade delas. Vós querieis que nós, por elas, tivéssemos mérito e pudéssemos vir a fruir-vos por toda a eternidade, nos esplendores da glória. Concedei-me o dom de valer-me, no uso de todas as coisas criadas, desse amor e dessa misericórdia, conforme a vossa vontade, a fim de poder contemplar-vos, possuir-vos e fruir-vos por toda a eternidade, nos esplendores da glória. Amém. (Deus, o Amor infinito, p. 102-103).

Seria oportuno entregar aos participantes canetas e lápis para que possam fazer anotações, grifar as partes do texto que mais chamaram a atenção (por sugestão própria ou do dirigente).

Deus em tudo e sempre

É surpreendente a nobreza, a profundidade e a serenidade com que Vicente se preparava para as ordens sacras. O seu diário revela sua grandeza de alma, dedicação e esmero.

Desejo amar Deus, mas, sem ser conhecido senão por Ele e quisera sofrer por sua glória, mas de forma que o saiba só Ele; de forma que me chamando a morar com Ele no céu não o saiba senão Ele; eu, porém, quisera que, por meio de mim, se aumentasse sempre mais a sua glória⁴³.

Toda sua vida foi uma busca constante da glória de Deus, a salvação das pessoas e a destruição do pecado. Vicente sempre considerava os outros mais sábios do que ele. Julgava que todos tirariam mais proveito do que ele dos ensinamentos recebidos. Diante dos colegas, sempre se distinguia em tudo, pois, suas exposições eram lúcidas e profundas. Diante do sucesso, ele se examinava para verificar o grau de seu orgulho.

Um sacerdote exemplar

Vicente Pallotti foi ordenado sacerdote, no dia 16 de maio de 1818, três semanas depois de ter completado vinte e três anos de idade. Como preparação imediata para as ordens sacras, com a prévia licença do seu diretor espiritual, fez de forma privada os votos de castidade, de obediência e de pobreza ao seu diretor, de acordo com os conselhos do mesmo. Além dos três votos, ele acrescentou um quarto, o de defender publicamente a doutrina da Imaculada Conceição, que ainda não havia sido proclamada como dogma de fé na Igreja⁴⁴. Vicente Pallotti foi ordenado com o título de patrimônio, ou seja, a legislação da Igreja baseia-se no princípio

⁴³ OO CC X, 71.

⁴⁴ GAYNOR, p. 37.

de que não se concede a ordenação a ninguém que não possua os meios necessários para o seu sustento, já que ao clero é vedado ganhar seu pão com o exercício do comércio ou de outras profissões. No caso do clero secular, esse sustento pode provir do compromisso aceito por um bispo, o qual se responsabiliza pela sustentação do clérigo, em troca da obrigação de ele servir à diocese, no cargo que o bispo lhe designar. Nos casos em que a família do ordenado garanta uma soma, cujos rendimentos sejam suficientes para manter de maneira digna o futuro sacerdote, admite-se a ordenação a “título de patrimônio”. Para Pallotti esse título foi providencial porque lhe permitiu desenvolver plenamente o tipo especial de vocação para a qual se sentia chamado. Recebeu a ordenação presbiteral na Basílica São João do Latrão, em Roma, e, no dia seguinte, celebrou a sua primeira missa, em Frascati. Era domingo da Santíssima Trindade⁴⁵.

Pallotti foi um homem de grandes desejos, isto aparece em seus escritos, desde 1816, antes ainda de ser sacerdote:

Quisera amar a Deus (...) com perfeição infinita, infinitamente, desde toda a eternidade, por toda a eternidade, infinitamente (...) como ele merece, e desejo que todas as criaturas, uma por uma, amem a Deus com perfeição infinita, como eu desejo, como se cada uma tivesse o amor de todas as criaturas e principalmente o amor de Jesus e de Maria⁴⁶.

Quisera tornar-me comida para saciar quem tem fome, pluma mórbida para dar repouso aos membros casados de quem está fatigado, vida, para ressuscitar todas as criaturas mortas, a fim de que, voltando elas a viver sobre esta terra, inclusive até o dia do juízo, realizassem grandes coisas que certamente efetuariam pela glória do meu Deus, do meu Pai, do meu Criador, do meu bem, do meu tudo⁴⁷.

Duas coisas surpreendem em Vicente: a precocidade de sua inteligência e a determinação de sua vontade. Nos exercícios espirituais em preparação ao sacerdócio, ele expressa um grande desejo: Ser semelhante a Jesus em todas as suas obras e no seu modo de tratar as pessoas⁴⁸. Concluindo os exercícios escreveu esta oração propósito: “Deus, conceda a mim e a todos a graça de servir a Ele só, por sua glória e pelo bem das pessoas”⁴⁹.

Desde o início de sua ordenação sacerdotal, destacou-se no meio clerical e na sociedade romana, por sua forte espiritualidade e pelo serviço prestado às pessoas necessitadas. Estava sempre atento a tudo o que acontecia ao seu redor. Nunca deixou de responder aos desafios de seu tempo. Por isso, a sua atividade como sacerdote não se resumia em apenas celebrar piedosamente a missa e a ministrar os sacramentos. Percebeu que, com a força de seu ministério, podia fazer muito mais que simplesmente atuar como homem do culto. Intuitivamente, convidou leigos fervorosos para juntos formarem uma legião de evangelizadores e, assim, propagar o evangelho de Jesus a tantas pessoas que ainda não tinham tido a oportunidade de experimentá-Lo pela fé.

⁴⁵ GAYNOR, p. 37.

⁴⁶ OO CC X, 69-70.

⁴⁷ OO CC X, 115.

⁴⁸ OO CC X, 611.

⁴⁹ OOCX X, 616.

No seu trabalho apostólico, descobriu que a ajuda do leigo, na evangelização, é indispensável, para que a Palavra de Deus chegue em todos os ambientes, o mais rápido possível. Para ele, o cristão, pela força de seu batismo, deve estar preocupado não somente com a salvação de sua alma, mas de todos. O batismo não leva o indivíduo a apenas fazer parte de uma comunidade orante, mas o credencia a continuar a obra evangelizadora de Cristo, em todo mundo. Não importa o seu estado de vida. Todos são convocados por Cristo, para anunciar que o Reino de Deus está em nosso meio. Até mesmo o enfermo, no seu leito de dor, pode ser um apóstolo, quando oferece suas orações e seus sacrifícios para a redenção da humanidade.

Uma nova proposta de vida

Vicente Pallotti não se conformava ser uma pessoa a mais entre as demais, ou um sacerdote isolado na Igreja. Ele quis, antes de tudo, que a sua pessoa irradiasse Cristo por onde passasse. Isso não era somente um desejo, ele procurou agir com palavras e ações para ser sinal da presença do ressuscitado, não somente quando ocupava a sua função sagrada, mas em cada gesto de sua vida: “Deus em tudo e sempre”.

O povo romano, sedento por uma nova proposta de vida, logo viu em Vicente Pallotti um modelo a ser seguido. Por isso, em 1835, Pallotti fez um apelo ao povo de Roma:

Todos, grandes e pequenos, doutores e ignorantes, ricos e pobres, sacerdotes e leigos, seculares e religiosos, viventes em comunidade ou em solidão, podem, em sua posição, isto é, no estado em que Deus os colocou, exercer, de alguma forma, sempre com mérito, o apostolado de Jesus Cristo⁵⁰.

O seu testemunho de vida despertou em muitos batizados a consciência de que uma nova aurora se despontava na Igreja. Muitos leigos e eclesiásticos aderiram à obra do Apostolado Católico, pois viram nela uma nova forma de ser Igreja. Descobriram, ainda, que podiam ser protagonistas da sua própria história e colaboradores do apostolado universal. Essa realidade deve ser, ainda hoje, propagada, para que mais pessoas possam assumir o seu batismo de modo consciente e alegre, pois, quem serve a Cristo, nunca fica decepcionado. Por isso, todos são convidados a conhecer e a participar do Apostolado de Jesus Cristo. Até mesmo o seu diretor espiritual, Padre Fazzini, foi o primeiro a se inscrever na obra do apostolado católico, em seguida, o próprio santo⁵¹.

Legado de Vicente Pallotti à Igreja

O legado que Vicente Pallotti deixou à Igreja é a União do Apostolado Católico (UAC). No dia 9 de janeiro de 1835, teve sua primeira inspiração de congregar o maior número de fiéis para trabalhar incansavelmente em prol do Reino de Deus. No dia 04 de abril de 1835, recebeu sua primeira aprovação.

A União do Apostolado Católico nasceu com o intuito de fomentar, entre os batizados, a missão evangelizadora na Igreja. Para Pallotti, o anúncio do Evangelho não é algo exclusivo da hierarquia, mas de todos aqueles que aderem ao projeto redentor do Senhor, pelo batismo. A instituição Igreja só reconheceu isso um século mais tarde, com o Concílio Vaticano II, que

⁵⁰ OO CC III, 146.

⁵¹ GAYNOR, p. 19.

definiu a Igreja como “povo de Deus”. Isso indica que os ministros ordenados também fazem parte deste povo, que caminham em busca da perfeição e da santidade. Por isso, os batizados têm a missão de testemunhar a fé em Cristo em todos os momentos e circunstâncias. Todos devem empenhar-se conforme a sua possibilidade e grau de instrução. Os membros devem usar dos meios disponíveis para que, de acordo com sua função ou influência na sociedade, possam reavivar a fé e reacender a caridade de todos aqueles que estão enfraquecidos na fé e na esperança.

A União do Apostolado Católico (UAC) não é um movimento e nem uma ordem terceira, mas é uma associação de fiéis que interpela os cristãos a viverem seu batismo com renovado ardor missionário, na realidade em que se encontram. A UAC tem a missão de ser fermento na massa, para que todos possam conhecer e viver profundamente a sua fé, fazendo com que, o mais breve possível, possa haver um só rebanho apascentado por um só Pastor.

REFLEXÃO:

1. Pallotti propôs algo novo para a missão da Igreja. Qual foi sua novidade?
2. De que forma Pallotti se destacou no meio clerical, logo após a sua ordenação?
3. Por que Pallotti desejou fundar a UAC?

ENCERRAMENTO:

Oração agradecendo a Deus o momento vivido.

Todos: Imaculada Mãe de Deus Rainha do céu, Mãe de Misericórdia, advogada e refúgio dos pecadores, iluminado e confortado pelas graças que a vossa materna benevolência me conseguiu do tesouro divino, quero entregar, agora e sempre, o meu coração em vossas mãos, para que o consagres a Jesus. Sim, ó Maria, perante os anjos e santos eu vos entrego e vós, em meu nome, o consagrais a Jesus. Pela confiança filial que deposito em vós, sei com certeza, que haveis de fazer, agora e sempre, quanto puderes para que o meu coração seja todo de Jesus, à imitação dos santos, em especial de São José, vosso castíssimo esposo. Amém!

O Dirigente pode colocar o nome de todos os participantes em pequenos pedaços de papel, dobrá-los e colocá-los num recipiente para que cada um retire e se proponha a rezar por aquele amigo e seus familiares diariamente, até o próximo encontro.

ANOTAÇÕES

5º TEMA: UMA VIDA DE SANTIDADE

5.1 FORMAÇÃO 5: UM SACERDOTE SANTO

Tempo estimado: de 50min a 60min

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Todos: Senhor, necessito do vosso Espírito! Daquela força divina que transforma tantas personalidades humanas, tornando-as capazes de gestos extraordinários. Dai-me esse Espírito que, vindo de Vós e indo a Vós, Santidade infinita, é um Espírito Santo. Dai-me aquele Espírito que tudo perscruta, tudo sugere e tudo ensina: Ele me fortalecerá para suportar o que ainda não posso suportar. Aquele Espírito que transformou os débeis pescadores da Galileia em colunas da tua Igreja e em apóstolos que deram com o holocausto da vida, o supremo testemunho de seu amor aos irmãos. Amém.

Seria oportuno entregar aos participantes canetas e lápis para que possam fazer anotações, grifar as partes do texto que mais chamaram a atenção (por sugestão própria ou do dirigente).

Sede santos

A santidade faz parte do povo de Deus, isso porque fomos feitos à sua imagem e semelhança, pois se Deus é santo, necessariamente, todos participamos da sua santidade, não por mérito próprio, mas por pura bondade e misericórdia d'Ele, que nos santificou em seu Filho Jesus. A Sagrada Escritura, insistentemente, afirma: “Sede santos porque eu sou santo” (Lv 11,44; 19,2; 20,7; 1Pd 1,16). São Paulo, quando se dirigia aos cristãos, dizia: “Pela vontade de Deus, aos santos e fiéis em Cristo Jesus...” (Ef 1,1).

Somente quem se esforça para estar muito perto de Deus sente a necessidade da santidade. Analogicamente, podemos dizer que, em uma noite fria, o desejo maior de uma pessoa é de encontrar algo que aqueça o seu corpo gelado, e, ao deparar-se com uma fogueira acesa, o desejo de aproximar-se das suas chamas são irresistíveis, porque trará o conforto de que necessita. Da mesma forma acontece quando estamos em ambientes que não tem luz, ao perceber uma pequena claridade já é motivo para que toda a atenção se volte para ela, porque, assim, fica mais fácil encontrar o caminho. Mas a alegria só será plena, quando estiver completamente envolto na luz.

Na verdade, quem vive na presença de Deus tem o contínuo desejo de conhecê-Lo sempre mais. O Sl 62 reza: “como a terra sedenta e sem água (...)”. Assim que cai a chuva, tudo muda, a terra fica solta e começa a surgir a vida. Portanto, a nova vida só pode ser gerada em Deus. E somente a fé é quem pode nos indicar este caminho. Podemos dizer que a vida de nosso fundador, São Vicente Pallotti, foi um exemplo de seguimento radical a Cristo, o Apóstolo do eterno Pai. Toda a sua vida girava em torno desta sua entrega a Ele. Estar com Cristo e viver somente para Ele foi a razão do seu existir. Isto não era apenas algo vivenciado de maneira intimista, mas tudo isto era evidente por meio de suas obras e palavras. Ele entendia que a atenção voltada para si mesmo é um roubo à glória de Deus. A consciência do próprio nada era o estímulo mais poderoso do seu apostolado. Sentir-se realmente nada era sua força para tornar-se tudo. Uma renúncia do próprio eu para dar lugar ao senhorio de Deus.

Este é o princípio da sabedoria. À primeira vista parece estranho, mas a verdade profunda é vista claramente; trata-se do princípio que orienta todo o caminho espiritual do nosso Santo: a consciência do próprio nada é o princípio da sabedoria; a aceitação do próprio nada, a alegria do aniquilamento, a abertura das portas à verdade é o alicerce para se chegar diretamente a Deus, pois em um coração autossuficiente é muito difícil encontrar o amor de Deus e do próximo e quanto mais um coração está livre das preocupações do eu, mais vasto é o domínio de Deus nele e mais ágeis, frequentes e extensos são os seus voos para Deus e para os necessitados. É, realmente, surpreendente a precocidade com que o nosso santo tenha entendido e colocado em prática essa disciplina, pois, logo nas primeiras páginas de suas anotações, descobrimos que seu o seu “desejo” era o de ser extremamente maltratado, e infinitamente ridicularizado, se fosse possível⁵².

No meio dos seus escritos, encontrou-se uma anotação sobre o sacerdócio, que copiou de alguém, porém, ele fez alguns retoques pessoais. O texto estava escrito em latim:

Ó sacerdote, quem é você? Você não fez a si mesmo; Deus fez você. Você não nasceu de si mesmo, porque você vem do nada. Você não foi feito para si mesmo, mas para o bem dos homens em tudo o que diz respeito a Deus. Você não pertence a si mesmo, porque você é a esposa da Igreja. Você não é feito para servir a si mesmo, porque você é o servo de todos. Nem mesmo é você, porque Deus é você. O que, então, você é? Nada e tudo, ó sacerdote⁵³.

O sacerdócio se funde perfeitamente com a vida do santo e sua alma, como se ele tivesse nascido apenas para ser um sacerdote e, em sua vida, não há vestígio de uma escolha que ele teve que fazer dela; como se ele tivesse nascido apenas para isso. Sentiu-se responsável pela salvação de todas as almas e de todas as Igrejas, como se o cuidado da Igreja universal lhe tivesse sido confiado⁵⁴ e já, durante os exercícios espirituais, realizados para sua ordenação sacerdotal, ele estabeleceu esse objetivo: “Senhor, ou morrer ou amar-te infinitamente”⁵⁵. E nos exercícios espirituais de 1827, a razão que dominou todas as suas meditações foi: “Toda a vida de Jesus Cristo seja a minha vida”⁵⁶!

Estou convencido de que, se me fosse concedido beijar a terra, por onde passou um sacerdote, como prêmio pelas boas obras, elas seriam grandemente compensadas. O que podemos dizer, então, que a bondade do nosso Deus se dignou elevar-me ao mais sublime grau do sacerdócio⁵⁷. “Eu rezo a Deus que conceda a mim e a todos a graça de servi-Lo, somente, para a sua glória e para o bem das almas”⁵⁸. “Lembre-se sempre, Vicente, que se os outros tivessem a conveniência que você tem de fazer o bem, eles já seriam grandes santos”⁵⁹.

Na Santa Missa, ele revivia novamente a Paixão de Jesus Cristo. Muitas vezes, foi visto suspenso do chão, quando elevava a santa hóstia. Ele se confessava todos os dias, antes da celebração. Passava noites inteiras diante do Tabernáculo. Tanto que, na Igreja do Espírito Santo dos napolitanos, ele mandou abrir uma janela na parede que dava acesso à Igreja, para poder

⁵² OO CC X, 31.

⁵³ OO CC XIII, 1388.

⁵⁴ OO CC X, 151.

⁵⁵ OO CC X, 614.

⁵⁶ OO CC X, 618-625.

⁵⁷ OO CC X, 147.

⁵⁸ OO CC X, 616.

⁵⁹ OO CC X, 116.

contemplar o Sacrário do seu quarto. Ele compôs três notáveis visitas ao Santíssimo Sacramento, mas queria escrever uma para cada dia do mês.

Segundo seu primo Francisco, por várias vezes o encontrou em casa vestido de sobrepeliz e estola, pronto para ouvir as confissões. Fabi Montani também escreveu que, em Roma, não havia nenhum doente ou moribundo que não tivesse sido visitado por ele. Aos seus sacerdotes, ele sugeriu que dividissem o seu dia em duas partes, uma para se preparar para celebrar a missa e a outra para agradecer a Deus, pelo presente da celebração já realizada. Ele queria ser Jesus Cristo e muitos, realmente, acreditavam que O viam nele.

Jesus Cristo é o Eterno Sacerdote, Sacerdote e Vítima de toda a humanidade, Ponte que liga o homem a Deus e Deus ao homem, aquele Filho de Deus que se fez homem, e aquele Filho de Maria, que é Deus e Ele toma sobre si mesmo, purifica e desconta todos os pecados do mundo. O próprio Jesus Cristo é o objeto mais vivo, mais constante e mais exigente de todo o seu amor. Especialmente, a partir de 1826, a vida e o ser de Jesus Cristo se tornam sua mais profunda aspiração: “As lágrimas de Jesus Cristo são minhas lágrimas, a crucificação de Jesus Cristo é minha crucificação”⁶⁰. “A obediência, a temperança, a fortaleza e o ministério de Cristo são obediência, temperança, fortaleza, meu ministério”⁶¹. “A Sua vida, Jesus, seja o meu apostolado; a sua vida, seja minha vida, a sua atividade ininterrupta, a sua jornada sob a cruz seja a minha jornada diária”⁶², e frases como esta: “A vida de Jesus Cristo, a vida da Santíssima Trindade seja a minha vida e em mim tudo o que se encontra em Jesus Cristo e no Pai e no Espírito Santo”⁶³. Eles podem sempre ser encontrados.

O ardor apostólico

Boa parte da sua vida foi dedicada aos jovens, a saber: na Faculdade de Teologia, orientava os alunos nas dissertações. Preocupava-se com a formação religiosa dos meninos da Igreja de Santa Maria del Pianto. No Instituto Agrário Santa Maria della Misericórdia (Colégio Agrícola). No Albergue Santa Maria degli Angeli (mais tarde Casa da Indústria – Leão XII). Trabalhou por longa data como Diretor espiritual de seminários e colégios eclesiásticos, porque para ele: “O espírito que não se adquire antes da ordenação, não se adquire mais; não que seja impossível, mas é muito difícil”. Foi diretor espiritual do Colégio da Propaganda Fide, que eram estudantes seminaristas provindos de terras de missão: diversidade de línguas, costumes, ritos. Foi aí que teve a intuição de criar o Oitavário da Epifania, para dar forma à universalidade da sua obra⁶⁴. Pregava retiros na Casa de Retiros Santa Maria dos Devotos: aos nobres, aos oficiais e funcionários da administração pontifícia. Também participava dos Oratórios noturnos e das Escolas Noturnas⁶⁵. Era diretor espiritual da Venerável Maria Luísa Maurizi, do Mosteiro Regina Coeli. Para ele, o ano de 1828 foi de sofrimento e angústia, tanto que o classificou como tempos terríveis, por causa da formação superficial dada nos seminários; dos abusos e falhas na pregação e na administração do sacramento da penitência, ainda por causa de outras situações que manifestavam o empobrecimento da fé cristã.

⁶⁰ OO CC X, 161.

⁶¹ OO CC X, 162.

⁶² OO CC X, 175.

⁶³ OO CC X, 246.

⁶⁴ TODISCO, p. 447-449.

⁶⁵ Idem, p. 472-475.

Pallotti sempre animado pelo Espírito não perdeu a coragem, perguntava-se o que poderia fazer para dar glória a Deus e iluminar os que estavam no erro. Sua preocupação não era buscar os responsáveis ou culpados pela situação, mas o que poderia fazer nas circunstâncias e com os meios disponíveis. No ano de 1833, ele decidiu escrever os livros: “Mês de maio para os religiosos”; Mês de maio para os sacerdotes e Mês de maio para os leigos. Para os religiosos e religiosas escreveu como se a Maria mesmo lhes falasse, a fim de que, encontrassem nela certeza de verdade e encorajamento na missão. Os sacerdotes eram convocados a verificar a autenticidade da própria vocação.

Na elaboração dos três livrinhos, Pallotti foi precisando a ideia central do Apostolado Católico que fundou dois anos depois: Aumentar a santidade dos religiosos e do clero; reavivar a fé e a caridade de todo cristão para dilatar o Reino de Deus. E Maria é a Mestra das três versões do Mês de Maio. Pallotti coloca na boca de Maria as palavras.

Aos sacerdotes, ele dizia: “Quanto mais te aplicas à própria santificação, tanto mais santificas as pessoas... Quero que tomes plena consciência da santidade necessária ao teu ministério. Foste elevado à sublime posição de pregoeiro evangélico na Igreja de Deus; por isso, reflete atentamente que, se queres pregá-lo como deves, precisas ser o primeiro a praticá-lo: a tua vida deve ser vida evangélica. Meu Filho te deu o exemplo. Tu, filho, deves imitar estes bem-aventurados Espíritos no exercício do teu ministério. Tu deves meditar no amor infinito, rezar no amor infinito, celebrar abrasado de caridade para com o Amor Infinito; deves pregar no amor, cada teu pensamento seja inflamado de amor pelo Amor Infinito, para levar os corações à plenitude do Amor Infinito.

Ao Leigos apresentava a restauração cristã mediante a devoção à Nossa Senhora. A mesma proposta de santidade feita aos monges, a bem-aventurança de desapegar-se dos bens terrenos para possuir o Reino dos Céus. Os que desejam ardentemente a santidade a receberão conforme o fervor do próprio desejo. Portanto, quanto mais uma alma desejar a própria santificação, tanto mais, a partir da torrente da Misericórdia infinita, irá tê-la. Por isso, atenta bem, meu filho, que se não fores santo, será porque tu não desejas sinceramente a tua santificação.

Em tudo, Pallotti procura glorificar a Deus como o glorificava Jesus Cristo, dizendo: “que a tua vida, Jesus, seja o meu apostolado; a tua vida seja a minha vida”. “Deus meu, entendo ter feito e fazer, desde toda eternidade e por toda eternidade, a todo momento infinitésimo, tantos atos de amor e tantas obras boas, quantas Vós mereceis”. Como Maria, a Imaculada foi o milagre da graça, eu, nada e pecado, serei o milagre da misericórdia.

Roma é atingida pela cólera

Em julho de 1837, Roma sofre com o terrível mal da cólera, que há três anos vinha se alastrando pela Ásia, e logo também chegou a Roma. Certa vez padre Vicente conversava com Francesco Fiorini e preanunciara tal acontecimento, dizendo: “Teremos uma peste que fará como o agricultor quando ceifa o trigo: levará bons e maus. Depois cobriu o rosto com as mãos e exclamou: Vede, vede, quantos caem”⁶⁶!

Numa outra oportunidade, quando Padre Vicente Michettoni veio a Roma para preparar-se para as missões além-fronteiras, ele lhe disse: “Deus seja bendito que o mandou em tempo

⁶⁶ Idem, p. 405.

para outra missão que ele mesmo dará a toda Roma. Será uma missão estrondosa. A cólera chegou e propagou-se assustadoramente. Faltavam medicamentos, não havia mais assistência, escasseavam os alimentos e até a assistência espiritual às pessoas infectadas. Muitos padres temiam aproximar-se dos doentes, outros davam absolvição de longe. Para suplicar a intervenção divina, para que afugentasse aqueles males, foram feitas orações, caminhadas e procissões. Houve uma grande romaria onde padres, cardeais e o próprio papa Gregório XVI juntaram-se à caminhada Processional. Padre Vicente promoveu a participação de grande número de padres diocesanos e religiosos, que fizeram o trajeto descalços, em pleno avanço da doença⁶⁷.

Pe. Vicente permaneceu à frente no atendimento aos doentes: como padre e enfermeiro, administrava os sacramentos e ministrava os remédios. Arrumava as camas, servia comida na boca dos doentes, acomodava-os nas almofadas. Ele não se preocupava com o contágio. Foi organizado um centro de assistência religiosa. Se no momento que procuravam não houvesse padre disponível, as pessoas deixavam o endereço e no espaço de poucas horas chegaria um padre do Apostolado Católico ou o próprio Padre Vicente. Levavam também vales para pão, carne, outros alimentos e limões que eram utilizados como remédio. Todos os dias era preparado um panelão de sopa para os necessitados. Por causa deste árduo trabalho, em prol dos necessitados, muitos dos seus colaboradores perderam a vida⁶⁸. Foi o caso anunciado pelo Próprio Pallotti que o padre Gaspar Del Bufalo faleceu na manhã do dia 28 de dezembro de 1837, após a celebração da santa missa, pelas nove horas.

Assim, dizia:

Ao dirigir-me ao Servo de Deus, encontrei-o em estado muito mais grave que de costume, reconciliei-o em preparação ao sacramento da Extrema Unção... Deixei-o imerso em um mar das mais belas disposições para a morte (...). Eu tinha decidido voltar até ele, logo à noite... Em vez, já pelas 15h, tive a ideia de dirigir-me, de novo, até ele (...). Encontrei-o em estado de extrema agonia... Passado um quarto de hora, desde a minha chegada, o Servo de Deus, mergulhado como numa felicidade de paraíso, tranquila e placidamente expirou⁶⁹.

Ao escrever para seu amigo, Pe. Felice Randonni. Pallotti disse: “Hoje faz nove dias que morreu o grande missionário”.

Como uma pessoa atinge a santidade

Olhando para a vida e obra do nosso fundador, podemos afirmar que o santo é o humano que deu certo. Apesar das vicissitudes da vida, ele soube encará-las com serenidade e simplicidade e conseguiu ver além daquilo que todos viam. O santo, pelo fato de ter descoberto o amor de Deus, não tem medo de enfrentar os desafios, sejam eles quais forem. Ele é um desbravador de novidades, mas com Deus e por causa d’Ele. Enquanto para uns a realidade se apresenta caótica, o santo a vê como um terreno fértil para novas realizações e mudanças de paradigmas. Mas, isso não quer dizer que as incertezas e as dificuldades da vida não o atinjam.

Falar de santidade não é fácil, mas só é possível quando encontramos pessoas com virtudes elevadas, com um estilo próprio, capaz de encarar o mundo com seus desafios. Como

⁶⁷ Idem, p. 409-411.

⁶⁸ Idem, p. 412-414.

⁶⁹ Idem, p. 417-419.

palotinos, além de seguir a Cristo, o santo por excelência, temos como modelo de virtude e de santidade o próprio fundador da União do Apostolado Católico, São Vicente Pallotti. Pelo seu testemunho de vida, toda a Igreja pode aproximar-se cada vez mais de Deus, com a certeza de que somos profundamente amados e perdoados por Ele. Na sua simplicidade, Pallotti procurou sempre analisar a sua vida a partir da fé, do seu encontro pessoal com o amor infinito e misericordioso de Deus.

O Pe. Amoroso apresenta o ano de 1826, como sendo o ano do Pentecostes palotino. Diz-se Pentecostes porque a abundância de luz, a decisão da vontade, a amplitude e a radicalidade das resoluções e a sublimidade das transformações operadas no santo são muito semelhantes aos efeitos do Pentecostes nos Apóstolos. Provavelmente, o evento palotino ocorreu em duas etapas: um certo derramamento de graças ocorreu durante os exercícios espirituais em Montecitorio, em novembro, e o segundo, pouco depois, quando ele já havia voltado para casa. O primeiro é escrito em italiano, o segundo está em latim. Logo de início, ele fala de segurança para obter um novo crescimento na graça⁷⁰. Depois a deseja ardentemente e infinitas vezes, para doar-se aos irmãos, para os inimigos que o perseguem, para Deus, para conseguir, na medida do possível, o bem da Igreja, como se o cuidado da Igreja universal tivesse sido confiado a ele⁷¹. Quer comprometer-se pelo bem da Igreja, como se fosse dado a ele o sacerdócio eterno e universal, dado pelo Pai Celestial a Jesus Cristo, enamoradíssimo Esposo das almas⁷². “Eu sou indigno de ter o amor de Deus. Minha comida é fazer a vontade daquele que me criou, me redimiu e me santificou”⁷³.

Aqui começa a segunda parte, mais arejada, mais detalhada e íntima:

Meu Deus, meu Deus, meu Deus, a sua vontade é a minha vida. A vida da crucificação é a minha vida. A vida oculta é a minha vida. A vida de martírio é a minha vida. Uma vida de dores é a minha vida. Uma vida de crucifixão perpétua e infinita é a minha vida. A sua vida é a minha vida”⁷⁴. Eu sou indigno de ter contrição perfeita, mas a dor sentida por Jesus Cristo na cruz, pelos meus pecados, é a minha dor⁷⁵! Toda a minha vida é fraqueza, mas a fortaleza de Jesus Cristo é a minha fortaleza. Meu Deus, a sua vontade é a minha vontade. Meu Deus, minha misericórdia⁷⁶. Senhor Jesus Cristo, você é a minha fecundidade, a minha confiança, a minha esperança, a minha caridade, o meu amor, a minha prudência, a minha justiça, a minha temperança, a minha força, a minha humildade, a minha paciência (...), a minha palavra e pensamento, meu Deus e meu tudo⁷⁷.

Não é fácil entender como alguém pode, simultaneamente, acusar-se da indignidade mais vergonhosa e desfrutar da certeza do amor mais privilegiado de Deus; mas o Santo está seguro da verdade dita: “Nada e pecado é toda a minha riqueza, nada e pecado é toda a minha vida, mas, graças ao amor de Deus e sua misericórdia mais amorosa, a vida de nosso Senhor Jesus Cristo é minha vida”⁷⁸. Evidentemente, ele distingue bem os dois tempos. Ele presume

⁷⁰ OO CC X, 150.

⁷¹ OO CC X, 151.

⁷² OO CC X, 152.

⁷³ OO CC X, 158.

⁷⁴ OO CC X, 159.

⁷⁵ OO CC X, 161.

⁷⁶ OO CC X, 163.

⁷⁷ OO CC X, 166.

⁷⁸ OO CC X, 160.

ter levado uma vida de nulidade e pecado e que, apesar disso, Jesus Cristo teve a coragem de se entregar, completamente, a ele para transformá-lo em sua própria santidade e, talvez, devamos também ter em mente que aquelas infundáveis acusações de indignidade e de pecado não têm fundamento. Certa vez, ele escreveu que todos esses pecados, graças à pura e infinita Misericórdia de Deus, ele não chegou a comprometê-los⁷⁹.

São Vicente nos surpreende com seu perene emergir de todos os abismos da nulidade e do pecado nos quais ele se precipita com sua auto-acusação de traição e de sacrilégio, mas as suas autoincriminações querem denunciar uma escassa falta de amor da qual ele se sente culpado porque, em sua lógica, ele nunca teria amado a Deus, como Ele merece ser amado; e este é o seu desespero; mas esta também é sua força: esforçar-se a todo custo para amar a Deus, como Deus merece ser amado! É seu dever, sua necessidade e a fonte de toda a sua energia ascética e apostólica. Portanto, o discurso do amor é bem mais profundo, porque Deus é amor. O homem é feito à semelhança de Deus, e é precisamente no amor que a semelhança divina se realiza, e não é em vão que Jesus diz: “amem uns aos outros como eu os amei” (Jo 13,34-35)!

REFLEXÃO:

1. Por que o cristão busca a santidade?
2. Quais são as atitudes de quem caminha na santidade?
3. O princípio que orienta o caminho de Pallotti é a consciência e a aceitação do seu próprio nada. Comente isso.

ENCERRAMENTO:

Dirigente: Oração agradecendo a Deus o momento vivido.

Todos: Espírito Santo, Espírito divino de luz e de amor, a vós consagro a inteligência, o coração, a vontade e toda a minha pessoa, no tempo e na eternidade. A minha Inteligência siga sempre as celestes inspirações e a doutrina da Igreja católica, da qual sois guia infalível; a minha vontade concorde sempre com a vontade divina e toda a minha vida seja uma fiel imitação da vida e das virtudes do Senhor e Salvador nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual juntamente com o Pai Eterno e convosco seja a honra e glória por toda eternidade. Amém.

Pedir para os participantes que refaçam a leitura do texto em casa. Grifar as partes que mais lhes chamaram a atenção. As impressões desta leitura serão apresentadas no próximo encontro.

⁷⁹ OO CC X, 224.

6º TEMA: A PESSOA DE PALLOTTI

6.1 FORMAÇÃO 6: A SANTIDADE É PARA TODOS

Tempo estimado: de 50min a 60min

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Todos: São Vicente Pallotti, que, inflamado pelo amor de Jesus e Maria, dedicastes de modo incansável a vossa vida à obra do apostolado, para a infinita glória de Deus, para a destruição do pecado, e para a salvação dos homens.

Abençoai-nos, vo-lo pedimos, junto a Deus, pelas mãos maternas de Maria, Rainha dos Apóstolos. Dai-nos um coração cheio de zelo ardente e serviçal. Queremos seguir-vos no caminho da santificação de nossa alma e tornar-nos dignos de cooperar na defesa, aperfeiçoamento e propagação da fé e da caridade, e assim contribuir para que, desta maneira, o Reino de Cristo se estenda sobre toda a terra e todas as nações possam viver unidas num só rebanho apascentado por um só pastor. Assim seja. Amém.

Pallotti e seu caminho de perfeição

Quando se trata do caminho espiritual de perfeição, devemos pensar que este trajeto humano pode ser percorrido por qualquer pessoa. Diante de Deus, não existe uns mais e outros menos privilegiados. Na verdade, todos são chamados à vida de santidade. O Papa Francisco, na Encíclica *Gaudete et Exultate*, afirma:

Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais⁸⁰.

Tudo o que foi escrito pelo Papa Francisco, acerca da santidade, pode ser aplicado no modo como Pallotti via a pessoa humana, imagem de Deus, e se Deus é o Santo por excelência, então, todos podem atingir esse grau maior de perfeição. Ele, motivado pela fé em Jesus Cristo, travou uma batalha contra todo tipo de mal que pudessem afligir a pessoa humana e, assim, distanciá-la do seu Criador, amor infinito. Assim, ele dizia:

Quem sou eu diante de vós. Sou o homem do pecado; e não me arrependo! E não me humilho! Fazei compreender, meu Deus, a mim e a todos que sou o homem do pecado.

⁸⁰ Papa Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 14.

Mereço infinitas maldições, mas Jesus Cristo por mim se humilhou, seu sangue, por mim sofreu, morreu na cruz e rezou por mim.⁸¹

Quem sou eu diante de ti, meu Deus, tu que, tanto de dia como de noite, quer eu vigie, quer durma, quer eu pense ou não em ti, não obstante minha ingratidão e os meus pecados, tu com Amor infinito pensas em mim, para destruir a minha indignidade e transformar-me em ti⁸²?

Vicente Pallotti, ao contemplar o amor misericordioso de Deus, percebeu que, apesar de ele ter procurado viver só para Ele, ainda a sua vida era marcada por inúmeras imperfeições, porque nem sempre os seus desejos correspondiam aos desejos de Deus. Suas inclinações nem sempre eram boas, e tudo isso feria o coração amoroso de Jesus que deu sua vida para nos salvar.

Ele possuía um senso vivo da realidade e uma capacidade inata para a organização prática, orientado para as necessidades da vida. De acordo com Moretti, ainda que fosse capaz de manter as decisões tomadas, ele possuía também uma inclinação temperamental para o orgulho, para a ambição, para o mando, para a imposição do próprio querer sobre os dos outros. Outro traço marcante da sua vida foi a fidelidade aos ideais, aos dotes de liderança e de caridade. Para o Pe. Vaccari, Pallotti possuía um temperamento de fogo, porém, graças à sua vigilância, parecia insensível a todo insulto e era sempre doce e bondoso. Pe. Rafael Melia, no seu depoimento para a beatificação, afirmou:

Sou testemunha e admirador de sua perene, inalterável mansidão para comigo e para com todos os outros. Nas recreações em que, às vezes estava presente, mostrava uma santa alegria, a ponto de tornar-se modelo e referência para os demais. Além disso, a fecundidade de suas ideias, a hilaridade do seu espírito, a sua cortesia e os seus modos gentis, despertavam realmente prazer em quem com ele conversasse⁸³.

Na verdade, o santo quando falava de si mesmo escava e revelava, sem medo, as suas fraquezas, segredos e malícias, impiedades e impurezas (...). Todo seu lado sombrio. Por isso, recorria a expressões muito fortes que nós temos muita dificuldade em aceitar e compreender. Em alguns momentos, se automeava como o mais horrível monstro, que existiu e que existirá, infinitamente inferior ao puro nada⁸⁴. Mas, ele justifica essa sua atitude comentando o capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios: “Somos filhos de Adão, mesmo que animados pelo desejo de fazer o bem, não estamos ainda no céu, e sim no mundo”⁸⁵. Por estas afirmações, podemos perceber o seu equilíbrio e o seu realismo humano e espiritual.

Ele considerava o ser humano de uma grandeza imensa, porque foi criado à imagem e semelhança do Criador, por isso é chamado a ser filho de Deus, herdeiro de Deus, cumulado de tantos bens e, ao mesmo tempo, esse mesmo ser humano é de uma miséria indescritível. Pallotti sublinha, sem piedade, a corrupção do ser humano e seu pecado, para colocar em relevo o amor infinito, incondicional e misericordioso de Deus. Assim, escreveu São Paulo:

⁸¹ OO CC X, 700-703.

⁸² OO CC X, 472.

⁸³ TODISCO, p. 151-152.

⁸⁴ OO CC X, 458.

⁸⁵ OO CC I, 108.

No seu amor, nos predestinou para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua livre vontade, para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça, que nos foi concedida por Ele no Bem-Amado”. (Ef 1, 3-14).

Segundo a antropologia palotina, a criatura humana é inseparável de Deus, do mesmo modo como a sua grandeza e a sua miséria são dois aspectos inseparáveis⁸⁶. Diante da amargura do pecado, ele pede o dom da humildade. Quer até mesmo ser humilhado diante de Deus e de todo o universo. A humildade lhe aparece como remédio mais eficaz contra o orgulho⁸⁷.

Assim dizia de si mesmo:

Em mim não há humildade; mas a humildade de Jesus Cristo seja minha humildade! A preocupação de todas as Igrejas me leva infinitamente, infinitas vezes, a todo momento e para sempre⁸⁸! “Deus, amor meu! Meu Deus, meu tudo! Entre os nascidos de mulher, nunca houve e nunca haverá um mais infeliz, soberbo, mentiroso, luxurioso, audacioso, cruel, perverso, fanático, invejoso como eu⁸⁹!”

Segundo o Padre Faller, para entrar na espiritualidade de Pallotti, precisa-se de duas chaves. A primeira é a do desejo de ser transformado em Deus, Amor e Misericórdia Infinita. Mas essa não funciona sem a segunda: a da humildade que leva em conta a matéria a ser transformada⁹⁰. “Buscai Deus e O encontrareis. Buscai-O em todas as coisas e O encontrareis em tudo. Buscai-O sempre e O encontrareis sempre”⁹¹.

Em uma coleção de sentenças diversas sobre o ser humano diante de Deus, nós encontramos uma resposta muito densa e concisa para a busca de Pallotti. Para a pergunta: “Quem sois vós e quem sou eu diante de vós”? Ele responde: “Deus é tudo do ser humano. O ser humano é tudo de Deus”⁹², ou seja: uma vez que Deus é o tudo do ser humano, a relação recíproca requer que o ser humano seja o tudo de Deus⁹³.

Pallotti, quando olhava para suas limitações pessoais, declarava-se como o homem do pecado, mas, ao mesmo tempo via-se como prodígio da misericórdia de Deus, pois, como diz São Paulo: “Onde foi grande o pecado, foi bem maior a graça” (Rm 5,20). Possuído pela presença de Deus, ele sentia a necessidade de escrever e de cantar as maravilhas de Deus. O amor de Deus é como uma violenta tempestade; não pode ser contida, leva e inunda tudo o que encontra pela frente:

Meu Deus, meu Deus! Não sei falar! Apesar disso dignastes chamar-me à vida. Em cada momento quereis comunicar-me tudo o que sois, Uno na essência e Trino nas pessoas, Infinito nos atributos, com todas as vossas perfeições infinitas para transformar-me todo em Vós mesmo, para fazer-me uma coisa só convosco, Pai, Filho e Espírito Santo. Oh! Meu Deus, por isso que sou, e por aquilo que sois, obrigo-me a dizer: afastai-Vos de mim, Senhor, porque sou um homem pecador. Mas, ao mesmo tempo, devo dizer-Vos: Vinde, Senhor, não tardeis, porque, sem Vós, não posso viver um só momento. Ao mesmo tempo, ó meu Deus, para expressar o que sinto, devo dizer

⁸⁶ *A cooperação, paixão de uma vida*, p. 168.

⁸⁷ OO CC XI, 359-360.

⁸⁸ OO CC X, 176.

⁸⁹ OO CC X, 178.

⁹⁰ *A cooperação, paixão de uma vida*, p. 169.

⁹¹ OCL II, 126. *A cooperação, paixão de uma vida*, p. 173, nota 138.

⁹² OO CC XI, 669.

⁹³ *A cooperação, paixão de uma vida*, p. 170.

que me compadeço de Vós. Pois, o amor infinito com que, desde toda a eternidade, livre e misericordiosamente, me amaste, obriga-Vos a vir a mim, estar comigo e fazer-me um convosco”⁹⁴.

Assim, continua o nosso santo:

Deus, por intercessão de Maria, me abraça a mim, o mais indigno de todos os homens, para que se cumpra em mim o perpétuo milagre da Misericórdia, como se deu em Maria o milagre da graça”⁹⁵. Ah, meu Deus! É verdade que eu não vos conheço como deveria⁹⁶. Se Vos conhecesse como deveria, amar-Vos-ia, estaria desapegado do mundo, seria todo vosso (...). Ou melhor, se Vos conhecesse bem, viveria totalmente para Vós, inteiramente ocupado em promover os interesses da vossa maior glória e da maior santificação de todas as almas⁹⁷.

Segundo o Pe. Amoroso, o amor de Deus deu aos apóstolos a capacidade de conquistar o mundo, mas sem o Seu amor, o cristão torna-se uma estátua, que fica de pé pela força da inércia; basta um empurrão para derrubá-la e fazê-la em pedaços. Por isso, a presença ativa e constante do amor de Deus, na vida quotidiana de Pallotti, é a razão psicológica e teológica da sua partida velocíssima no caminho de perfeição e da conquista de metas muito raras. A sua doutrina consiste: o segredo de uma vida santa está no amor de Deus. Não faça nada sem o amor d’Ele. Se não tem o amor em Deus, todos os atos objetivamente virtuosos se tornam egoísmo e vaidade. Os meios de santificação utilizados por Pallotti, para extirpar os vícios e cultivar as virtudes, são:

O primeiro de tudo é a direção espiritual, os exercícios de piedade, as práticas de penitência, o exame de consciência, as meditações, o recolhimento, o confronto com a palavra de Deus, as leis da Igreja e o exemplo dos santos, mas a vastidão ou a decisão de seus propósitos é a profundidade da fé, a esperança e a caridade. Elas dão um ritmo privilegiado à sua marcha⁹⁸.

O segundo elemento que caracteriza a autenticidade do itinerário de santificação de Vicente Pallotti é a tradução quase que automática do amor de Deus em amor ao próximo. A prova da autenticidade do amor a Deus é a sinceridade do amor ao próximo. Quem não dá nada ao homem do qual vê a sua necessidade, como pode comover-se por Deus ao qual não vê? Ele, por sua vez, dava seu alimento, sapatos, meias, blusas, guarda-chuva, cama, dinheiro, etc.⁹⁹.

O terceiro elemento de santidade, que garante a autenticidade do caminho de santidade de Pallotti é a sua profunda e cordial insatisfação por aquilo que ele é e o que faz. Esta é também uma das marcas da sua espiritualidade, pois, segundo ele, um homem satisfeito consigo mesmo não pode ser santo. Olhando para si mesmo, Pallotti fica espantado por aquilo que ele é¹⁰⁰, porque se julga como alguém que foi feito à imagem de Deus¹⁰¹, pois a santidade de Deus é a medida para que o homem também possa tornar-se santo¹⁰².

⁹⁴ OO CC X, 277.

⁹⁵ OO CC X, 194.

⁹⁶ OO CC X, 466-468.

⁹⁷ OO CC X, 466. *A cooperação, paixão de uma vida*, p. 165.

⁹⁸ AMOROSO, p. 66-67.

⁹⁹ Idem, p. 71.

¹⁰⁰ OO CC X, 751; 748; 482-483.

¹⁰¹ OO CC X, 245; 470.

¹⁰² OO CC X, 51; 112.

6.2 FORMAÇÃO 7: OS TESTEMUNHOS SOBRE A VIDA DO SANTO

Tempo estimado: de 50min a 60min

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Todos: Ó piíssima Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos e advogada do gênero humano, nós, humildemente, suplicamos: intercedei junto do vosso Unigênito Filho Nosso Senhor Jesus Cristo, para que, na força do Espírito Santo, estejamos sempre dispostos a trabalhar por aumentar, defender e propagar a fé e a caridade. Ouvi, com benignidade de sempre, as nossas orações. Aceitai, com todo carinho, as nossas súplicas. Tende a bondade de alcançar-nos a graça, para que combatamos o bom combate, cheguemos ao final da carreira, conservemos a fé. Assim, entre as fileiras dos santos Apóstolos possamos receber a coroa da justiça. Amém. (Faller, n. 73)

Seria oportuno entregar aos participantes canetas e lápis para que possam fazer anotações e grifar as partes do texto que mais chamaram a atenção (por sugestão própria ou do dirigente).

Vicente Pallotti: um homem generoso

As pessoas que conviveram com Vicente Pallotti foram unânimes em relatar, por ocasião do processo de canonização, que ele era extremamente generoso para com todos. Além disso, era uma pessoa profundamente introspectiva e tinha como grande desejo penetrar nos mistérios da pessoa humana, para entender o porquê de tanta maldade no mundo, sendo que o ser humano foi feito bom e o próprio Deus se alegrou com a sua criação.

À medida que aprofundava em suas meditações, descobria, na Palavra de Deus, a resposta para a perversidade humana: o pecado. Se o homem foi criado bom, então algo entrou nessa natureza frágil e modificou o projeto inicial do Criador. O próprio Deus tinha se arrependido de ter criado o homem, mas depois voltou atrás, porque a sua misericórdia é infinita (Gn 6,6-7.11-12.17-18). Mesmo com o abandono do ser humano ao projeto de Deus, ainda assim, Ele continua fiel ao seu propósito inicial e continuará sustentando-o até o fim.

Olhando para este aspecto, Pallotti ficou ainda mais entusiasmado e enamorado por Deus, e continuamente usava a expressão: o amor infinito de Deus que se apaixona pela criatura deformada pelo pecado, mas Deus não se cansa de oferecer-lhe tantas e tantas oportunidades para fazê-lo melhor, ou seja, santo. Já que é este o desejo de Deus, Pallotti, por um chamado especial d'Ele, aceitou o desafio de ser Seu colaborador na obra da evangelização, convocando a todos para que também abraçassem essa causa, a da salvação do gênero humano. Como ele próprio afirmou: sozinho é impossível levar adiante tão grande projeto de salvação, instaurado por Cristo. Por isso, se faz necessário a colaboração de todas as classes de pessoas, raças, línguas, envolvendo assim em um grande mutirão de evangelização, para que todos possam, o mais rápido possível, chegar a um só rebanho apascentado por um só pastor. Dizia ele: “A razão e a experiência demonstram que, ordinariamente, o bem que se faz isoladamente é escasso, incerto e de pouca duração e que os esforços, os mais generosos, dos indivíduos, não podem ter êxito, se não enquanto são reunidos e ordenados a um objetivo comum”¹⁰³.

¹⁰³ OO CC VI, 122.

O projeto é grande, o desafio é ainda maior, por isso conta com a colaboração de todos. É por este motivo que ele fez um apelo ao povo de Roma, para que se despertassem para essa nova realidade, e o eco da sua voz atingiu os confins da terra, fazendo com que todos se sintam impelidos a abraçar esta mesma causa, a salvação do próximo, para que possamos viver em um mundo reconciliado, onde reina a verdadeira paz e o amor fraterno. Se no mundo não há paz é porque não sabemos promovê-la a contento, então é tempo de mudança de hábitos e de atitudes.

Aspectos da personalidade de Pallotti

Quando nós lemos os escritos do nosso fundador, percebemos que ele foi um homem extremamente enérgico consigo mesmo, chegando quase a desprezar-se. Para si não queria nada, mas para Deus e ao próximo, tudo. Daí surgiu a expressão tudo para a maior glória de Deus, tudo para a salvação das almas e tudo para a destruição do pecado. As suas palavras são sempre muito duras, porque sabia muito bem o que passam pelo coração humano, marcado pelo pecado.

Pallotti, no seu cotidiano, era muito comedido no falar, no vestir, no alimentar-se e no lazer. Era humilde e sereno, apesar de extremamente ativo, e muito discreto. Em situações de conflitos não se alterava, simplesmente confiava na providência divina, porém era persistente em seus propósitos, jamais desanimava diante de qualquer desaprovação dos seus atos. Era uma pessoa muito delicada e de olhar penetrante. Desde a sua juventude, ele tinha uma espiritualidade marcante, com um desejo insaciável de amar a Deus e às pessoas. Queria conduzir a todos para mais perto de Deus. Ainda jovem traçou para as famílias cristãs programa de orações, que incluía uma breve meditação diária, alternando entre elas a paixão de Cristo, sugerida pelo livro *Máximas eternas* de Santo Afonso, com o rosário, com as ladainhas e com o bendito seja Deus. Na verdade, o que ele queria era que a oração dos leigos fosse mais profunda¹⁰⁴. Ele foi um verdadeiro cristão, que esteve sempre aberto para escutar a voz de Deus, por meio da Palavra e foi sempre obediente às orientações de seus mestres e superiores.

A obediência praticada por Pallotti não seria uma aceitação passiva da vontade dos outros, nem a acomodação ou a falta de iniciativa. Sua obediência era uma conquista obtida, justamente, com o exercício constante de uma vontade determinada para dominar os instintos da natureza. A obediência entra na sua ascética, da mesma forma que entra a humilhação, a mortificação e a castidade. Tudo isso surge da necessidade de reparar o distúrbio induzido pelo pecado original. A natureza é falha e precisa de corretivo¹⁰⁵. Assim, Pallotti liderou uma cruzada contra o pecado ao longo de sua vida, para erradicá-lo de toda a terra. Ele se acusava de ser o maior pecador, “nada e pecado”, a causa de todos os males físicos e morais da humanidade, mas o pecado do qual ele faz menção é o da ingratidão. Padre Vicente, em seus encontros místicos com Deus, vira bem o quanto ele merece ser amado e, naturalmente, toda a sua gratidão não lhe parecia nada. A correspondência, portanto, torna-se a sua aflição; ele gostaria de adequar-se ao infinito, e reparar o infinito amor de Deus com, pelo menos, um amor infinito; ele se vê derrotado e grita, por causa da sua monstruosa ingratidão¹⁰⁶.

O caminho da transformação é a purificação da alma; como, com forças naturais e com a graça de Deus, a alma se desprende das paixões e afeições terrenas, transforma-se em Deus,

¹⁰⁴ TODISCO, p. 167.

¹⁰⁵ AMOROSO, Francesco, *Dal nulla al tutto*, Città nuova Editrice: Roma, 1981, p. 59.

¹⁰⁶ Idem, p. 96-97.

quanto mais os véus da carne e dos sentidos se tornarem tênues, mais profundamente a luz de Deus permeia a alma; quando os véus, devido ao efeito do amor de Deus, se dissolvem completamente, a alma se torna o esplendor e o calor de Deus¹⁰⁷.

Portanto, o encontro místico de Pallotti o fazia sensível não somente às coisas celestes, mas sofria muito ao ver os sofrimentos humanos. Assim escreveu Rosmini sobre sua grande sensibilidade: “Pallotti era um dos homens mais raros do mundo, porque possuía grandes ideias e ideais. Ele vivia muito além do seu tempo, porém, sem negar as suas raízes familiares”. E, por sinal, tinha uma relação muito estreita com sua piedosa mãe, tanto que quando ela estava gravemente enferma, tornou-se seu enfermeiro a ponto de dormir, próximo a ela, em uma esteira no chão, para dar-lhe a devida atenção. Preocupava-se, também, com o bom andamento de toda a sua família.

Pallotti foi também um exímio diretor espiritual e via a necessidade de uma formação edificante do clero, para que tivessem mais zelo apostólico. Sabia tocar nos sentimentos mais ocultos das pessoas, para convencê-las a praticar o bem. Por isso, ele valorizava muito a direção espiritual. Francesca de Maistre, uma de suas penitentes, testemunhou: “Encontrei nele algo que não encontrei em outros servos de Deus: uma expressão de bondade celeste, uma capacidade de acalmar e de acolher o ponto certo da alma em poucas medidas e eficazes palavras”¹⁰⁸. Diante das inúmeras solicitações, ele parecia muito agitado e ansioso, porque queria atender a todos. Era uma pessoa de muita cultura, era corajoso, era perspicaz e hábil em convencer as pessoas a praticarem o bem. Ele dominava a arte do discernimento, e colocava em prática a pedagogia do equilíbrio entre discernir sobre o necessário e o oportuno¹⁰⁹.

Outro detalhe da sua vida: diante das provações e das contrariedades, quase sempre agia com resignação e paciência, desprezando todo e qualquer tipo de satisfação e de gosto pessoal. Demonstrava uma certa obsessão pelas coisas grandiosas. Tudo, para ele, devia ser elevado ao infinito. O seu maior desejo era de querer viver no Cenáculo, pelo fato de ser um lugar da comunhão universal, de apelo à unidade e da cooperação eclesial. Enfim, era um lugar onde se aprende a ler os sinais dos tempos, as necessidades da Igreja e da humanidade; um lugar em que o apostolado se torna comunhão com Deus e com os irmãos. Mas, segundo ele, é no Cenáculo que se recebe a plenitude do Espírito Santo e a abundância dos seus dons, tão necessários para cooperar eficazmente nas obras da maior glória de Deus e da salvação da humanidade, a exemplo de Maria¹¹⁰.

Iluminado e impulsionado pelas luzes do Espírito, tornou-se um apóstolo incansável, com inúmeras atividades. Essa sua característica de estimar o tempo e de aproveitá-lo ao máximo, vem desde a sua juventude, pois nunca tolerou uma vida cheia de ociosidade. Assim escreveu: “Cuidarei em empregar bem também o menor espaço de tempo (...). Dar grande importância ao tempo e de inculcar nos fiéis uma altíssima estima do tempo”¹¹¹.

Da mesma forma que ele tinha uma vida apostólica intensa, ainda reservava espaços para alimentar a sua vida espiritual, diante do tabernáculo. Tanto que na Igreja do Espírito Santo pediu para abrir uma janela no seu quarto, para que pudesse contemplar longamente o

¹⁰⁷ Idem, p. 100.

¹⁰⁸ OCL, 390.

¹⁰⁹ *A cooperação paixão de uma vida*, p. 428-429.

¹¹⁰ Idem, p. 501-502.

¹¹¹ OO CC X, 567 e 594.

7º TEMA: A ANTROPOLOGIA PALOTINA

7.1 FORMAÇÃO 8: O HOMEM É IMAGEM DE DEUS

Tempo estimado: de 50min a 60min

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Todos: Criados à imagem e semelhança de Deus, temos que imitá-Lo, pois Ele trabalha sempre. Em virtude de nossa natureza e criação, nós somos obrigados a trabalhar sempre e não admitir nunca a ociosidade. Ele, com amor infinito, quer que nós, dentro dos objetivos de sua infinita misericórdia, em todos os momentos da vida, nos valhamos do dom do livre-arbítrio e nos enriqueçamos de muitas obras merecedoras de vida eterna. Ave-Maria... (Deus, o amor infinito, p. 113-115)

Seria oportuno entregar aos participantes canetas e lápis para que possam fazer anotações, grifar as partes do texto que mais chamaram a atenção (por sugestão própria ou do dirigente).

O homem tem sede de Deus

Todo líder carismático, seja ele religioso ou não, pauta sua ação em torno de um ideal de vida, ou seja, de algo que lhe é muito caro, e por isso utiliza todos os meios para justificar seu modo de agir, tendo em vista o bem-estar próprio e dos outros. Normalmente, o fato de ele ter uma concepção clara a respeito da vida leva-o a elaborar uma maneira própria de ação para atingir mais pessoas, e dessa forma deseja atingir seus objetivos: conquistar algo que engrandeça a pessoa. Sem essa motivação inicial, dificilmente uma obra obterá algum tipo de êxito.

Que objetivo Vicente Pallotti queria atingir ao refletir sobre o apostolado católico? Lendo suas obras, é possível perceber que ele queria viver profundamente o amor a Deus e queria que todos também o fizessem. Ele experimentou isso no seu relacionamento íntimo com Ele. Descobriu ainda que o ser humano tem uma sede muito grande de Deus, mas encontra muita dificuldade para ir ao seu encontro porque, desde sua origem, não conseguiu responder ao excesso de amor manifestado por Deus. O homem não foi capaz de responder a este amor, porque foi profundamente marcado pelo pecado. Como foi criado livre, acabou se perdendo pelo excesso de liberdade. Achou que também era como Deus.

Deus criou o homem bom, criou-o à sua imagem e semelhança, mas o homem, pela sua autossuficiência, distanciou-se de Deus e quis seguir outro caminho. Pallotti sentia que a grandeza de Deus superava toda racionalidade humana, e o homem, sem a graça de d'Ele, é incapaz de se autoconhecer e de praticar o bem. A sua vida só tem sentido n'Ele. Por isso se perguntava: “Meu Deus, quem sou eu e quem sois vós”¹¹²? Diante dessa afirmação, desenvolveu toda uma linha de ação para reaproximar o homem de Deus. Foi descobrindo o valor do homem que pode caminhar em direção a Deus.

O Salmo 50 afirma: “o pecado está sempre à minha frente”. Diante dessa constatação, qual atitude o ser humano deve tomar se, de fato, o pecado marcou profundamente o

¹¹² A cooperação, paixão de uma vida, p. 149.

comportamento humano? Como é possível esse mesmo homem querer se relacionar com alguém superior a ele? Pallotti dará uma resposta a essa indagação contemplando a misericórdia de Deus.

O homem do pecado

Pallotti, ao reconhecer-se como homem do pecado, reconheceu também que por ele mesmo nada podia conseguir diante de Deus, então ele recorreu a obra da criação, a ação de Deus que desde todos os tempos caminhou em direção ao homem (Gn 3,7-15). Refletindo sobre o princípio das coisas, descobriu o valor da obra criada por Deus. Por amor, Deus criou tudo. A criação só tem sentido por causa do homem, porque desde o início ele estava na mente de Deus.

A grandeza de Deus causou em Pallotti uma mescla de fascínio e de estupor. Sentiu-se ainda aturdido por estar diante de alguém que se importa pela miséria humana. Apesar de todo o pecado da humanidade, Deus ainda envia seu Filho para a libertação plena, por isso dizia: “Vós sois o meu bem eterno. Vós, o meu tudo”¹¹³. “Tudo” é uma das palavras que se destacam em seus escritos, principalmente em suas inumeráveis orações, pois não encontra uma outra palavra que o descreva tal como Ele é. Pois vê Deus como Amor e Misericórdia infinita¹¹⁴.

Traços do amor infinito: “vós sois o enlouquecido de amor. Inclinado ao amor infinito, Pallotti vê o Alfa e o Ômega de Deus. Mas, ele não consegue falar disso. Ele descobre que suas palavras são pobres para exprimir esse mistério”¹¹⁵. Ofuscado pelo infinito de seu Amor e de sua Misericórdia, chega até mesmo a dizer: Perdoai-me pela expressão. Ouso dizer que sois o enlouquecido de amor e de Misericórdia por mim”¹¹⁶.

Se Pallotti chama a misericórdia de excesso de amor infinito de Deus, é porque ele a experimentou realmente. Ele se diz prodígio novo de misericórdia e milagre dos milagres. De fato, a misericórdia de Deus enche o abismo da sua nulidade e transforma sua incapacidade em plenitude de vida. Como um verdadeiro místico, escreveu:

Compreendi que a mesma infinita justiça de Deus é infinitamente misericordiosa; digo que compreendi que o prodígio de misericórdia que a infinita misericórdia operou em mim devia desejá-lo a todos (...). A experiência da misericórdia terá na vida de Vicente duas consequências fundamentais. Primeiramente: o renascimento interior. A nova vida de Pallotti será inteiramente fruto da misericórdia e não um resultado de seus próprios esforços. Em segundo lugar: a abertura apostólica. O miserável se fará apóstolo da misericórdia¹¹⁷.

O desejo de corresponder

A imitação de Deus, em Pallotti, brota do desejo de amar tanto quanto possível. Ele se obriga, pessoalmente, a regular tudo para imitar Deus em todas as coisas, segundo as finalidades de Deus. Dessa forma, ele desejava responder ao Amor e à misericórdia infinita de Deus. É uma ideia que serve de base para toda a vida espiritual e apostólica do nosso fundador e que é como

¹¹³ Idem, p. 152.

¹¹⁴ Idem, p. 153.

¹¹⁵ Idem, p. 154.

¹¹⁶ Idem, p. 155. OBS: Pallotti nomeia Deus “Amor Infinito” mais de 190 vezes. E chama Deus Misericórdia infinita mais de 230 vezes. Nota n. 64, p. 156.

¹¹⁷ Idem, p. 158.

a consequência lógica da percepção da imagem de Deus no homem. Nele, a imagem de Deus, Amor e Misericórdia infinita, passa da ordem do ser para a ordem do agir¹¹⁸.

Ah, meu Deus! É verdade que eu não vos conheço como deveria, pois se vos conhecesse como deveria, amar-vos-ia, estaria desapegado do mundo, seria todo vosso. Ou melhor, se vos conhecesse bem, viveria totalmente para vós, inteiramente ocupado em promover os interesses da vossa maior glória e da maior santificação de todas as almas. Decorre daí que, para conhecer Deus, o homem tem necessidade de se conhecer. É necessário, sobretudo, saber que ele foi criado a imagem e semelhança de Deus¹¹⁹.

O seu nada e pecado

A visão de Pallotti, a respeito do homem, pode deixar muita gente perplexa devido ao modo como ele próprio se vê diante de Deus e do mundo. Ele se denomina “nada e pecado”. Essa visão antropológica deve ser vista dentro do prisma da mística. Somente o místico consegue ir além de qualquer outra pessoa em relação à descoberta da união entre Deus e o homem. Ele não tem medo de mergulhar na miséria humana, para resgatar o homem do fosso em que ele entrou ao distanciar-se d’Ele, por causa do pecado.

A concepção antropológica de Pallotti, à primeira vista, é muito pessimista. A figura humana aparece um ser inútil e desprezível a ponto de nem mesmo merecer a atenção de Deus. Pode-se dizer que Pallotti, ao focar o lado negativo, tem a intenção de dar muito mais ênfase ainda àquilo que é positivo. Esse contraste realça bem o que ele sempre pregou, a misericórdia de Deus; caso contrário essa temática perderia, e muito, a sua relevância, ou seja, no meio de outros conceitos sem deixar uma marca original em seu agir.

O pecado é a negação de Deus

A concepção que Pallotti tem a respeito do pecado é proporcional ao amor que uma pessoa nutre por Deus. Quem ama imensamente a Deus não pode tolerar o pecado, que é a negação d’Ele. A verdadeira medida do pecado está na morte de Cristo. O Filho do pai Eterno teve que derramar seu sangue para que houvesse a remissão dos pecados.

Pallotti reza ao Pai, preferindo o castigo a cometer qualquer tipo de pecado. Deseja até mesmo que venha logo o fim do mundo, para que cesse a possibilidade de pecar. Segundo Pallotti, a melhor maneira de poder se aproximar de Deus e de sua graça é reconhecer-se pecador. Pedir perdão é um gesto de profunda confiança em Deus, porque desta forma abre espaço para que a graça possa atuar livremente em todo o ser. Não basta só reconhecer o pecado, mas é preciso buscar a força divina para eliminá-lo. O pecado impede a pessoa de viver em plena liberdade. O pecado bloqueia e paralisa a pessoa.

Consequências do pecado

O pecado entrou no mundo porque o homem se recusou aceitar a ordem do Criador, para pautar sua vida conforme os caprichos e normas pessoais. O pecado em si mesmo é o inverso da obra d’Ele. Deus cria a vida e a ordena. O pecado, por sua vez, semeia a morte e a desordem. Com o pecado o ser humano perdeu o equilíbrio do espírito, por isso tem dificuldade para distinguir, com segurança, o bem do mal e a partir daí fazer a justa escolha, o bem.

¹¹⁸ Idem, p. 159.

¹¹⁹ Idem, p. 165.

Portanto, a melhor maneira de sentir o apelo do amor de Deus é estar atento à sua criação, porque através dela é possível detectar o seu plano amoroso de libertação. “Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus. Então, meu Deus, fazei viver em mim Jesus Cristo, para que fale Ele em mim, pense e opere ele em mim, com todas as suas virtudes, com todas as suas obras”¹²⁰.

Apesar de se reconhecer extremamente pecador, Vicente Pallotti percebeu que Deus nunca o abandonou, pelo contrário, sua misericórdia foi sempre infinita. Quanto mais se via pobre, miserável, tanto mais percebia multiplicar nele a sua graça. Daí se perguntava: “que coisa é o homem diante de Deus? É uma coisa inefável, uma fonte de ternura. O homem diante de Deus é como a ovelha perdida que se obstina em se perder e o pastor que se obstina em procurá-la, ou o filho que se obstina em estar doente e a mãe que se obstina em fazer de tudo para encontrar a cura”¹²¹.

Pallotti denomina Deus como justiça por essência e ele, injustiça por essência:

Ele me nutre na Santíssima Eucaristia com a sua justiça e destrói em mim todas as minhas injustiças, e tão perfeitamente que em mim não permaneça senão a sua justiça. Assim Ele, infinitamente justo, cumpre em mim todas as obras de justiça em relação a Ele e ao próximo, e à minha pobre alma. Portanto, não eu justo, mas Deus justo em mim, justiça universal, justiça eterna, infinita, imensa, incompreensível” (...). Na Eucaristia, Deus me nutre com a sua mesma santidade infinita e destrói toda a minha vida, maldade, e destruído todo o meu eu, permanece somente Deus, santidade infinita, imensa, eterna, incompreensível, e por isso não eu santo, mas Deus santo, Deus santidade por essência em mim, me absorve totalmente, me destrói totalmente, para habitar em mim. Oh bondade! Oh invenção amorosa do infinito Amor! Meu Deus, minha misericórdia¹²²!

Vicente Pallotti reconhece que a misericórdia de Deus, não obstante à grave ofensa do pecado, encontrou sabiamente uma maneira de atrair todos os seus filhos dispersos em torno da mesa sagrada. É o próprio Deus que destrói o pecado no interior do homem, para novamente poder fazer morada em seu coração. A eucaristia não só alimenta a nossa alma como também perdoa os nossos pecados e nos fortalece para vencê-los.

Vicente Pallotti quis ter e viver “os mesmos sentimentos de Cristo” (Fl 2,5). Na sua experiência mística com Maria, a grande Mãe da Misericórdia lhe fez reconhecer o próprio divino Filho. Portanto, os sentimentos de Jesus se tornam o ritmo da vida do santo Fundador:

A vida de Jesus é a minha vida. A crucifixão de Jesus é a minha. A obediência de Jesus é a minha. A fortaleza de Jesus é a minha fortaleza. As obras de Jesus são as minhas obras. A pregação feita por Jesus aos pobres é a minha. A plenitude da força do sacrifício de Jesus é a minha força. Jesus Cristo é meu; as suas virtudes e méritos infinitos são os meus¹²³.

Somente quem viveu muito próximo de Cristo pode querer possuir os mesmos sentimentos d’Ele. Tal desejo deixa de ser algo pretensioso e passa a expressar o que realmente

¹²⁰ OO CC X, p. 191 e 270.

¹²¹ DE ALMEIDA, Valdeci Antonio, *São Vicente Pallotti, apóstolo e místico*, Biblos: Santa Maria, 2005, p. 117.

¹²² Idem, p. 123. OO CC X, p. 459.

¹²³ OO CC X, 161-162; 195; 492-495.

acontece com aquele que já não vive mais para si. Viver com Cristo é tornar-se uma nova criatura.

Uma antropologia realista

Foi dito anteriormente que Pallotti apresenta a pessoa de uma forma negativa. A sua antropologia seria pautada sobre a parte negativa do ser humano, realçando apenas o seu limite e pecado. Apesar das aparências de uma antropologia pessimista, Pallotti jamais se desespera e abandona a pessoa humana.

Assim escreveu:

Tenho firme confiança de que fareis com que sempre dê valor e estime à minha alma e a de meus próximos. Vós, segundo a natureza da vossa infinita bondade, dia e noite, esteja eu acordado ou dormindo, pensando em vós ou não, apesar dos meus incontáveis pecados e apesar de uma vida toda de resistência às vossas graças, com amor infinito, sempre pensais em mim, me amais para me transformar totalmente em Vós mesmo e nos vossos divinos Atributos¹²⁴.

Observamos o equilíbrio e o realismo humano e espiritual das perspectivas antropológicas traçadas por Pallotti. Para ele, o homem não pode viver separado de Deus. Ele só sublinha, sem piedade, a corrupção do homem e seu pecado, para colocar em relevo o amor infinito, incondicional e misericordioso de Deus¹²⁵.

Segundo Vicente, o que impede o homem conhecer a si mesmo e saber quem ele é diante de Deus é o seu orgulho. Ao invés, o que o ilumina na descoberta da estima de si e do conhecimento de si é a misericórdia de Deus. Por isso, ele pede o dom da humildade. Quer até mesmo ser humilhado diante de Deus e de todo o universo, em cada momento infinitésimo. A humildade lhe aparece como o remédio mais eficaz contra o orgulho¹²⁶.

Pe. Faller apresenta duas chaves para entrar na espiritualidade de Pallotti:

1. O desejo de ser transformado em Deus, Amor e misericórdia infinita. Mas essa não funciona sem a segunda;
2. A humildade que leva em conta a matéria a ser transformada. Para compreendê-lo o leitor deve sempre levar em conta a indagação: “Meu Deus, quem sois vós e quem sou eu diante de vós¹²⁷?”

Pallotti mesmo responde a essa questão, dizendo: “Deus, tudo do homem. O homem, tudo de Deus. Uma vez que Deus é o tudo do homem, a relação recíproca requer que o homem seja o tudo de Deus. Por isso mesmo ele não é nada. Em Deus, por Ele e com Ele o homem é tudo”¹²⁸.

A partir da consciência de seu “nada”, Vicente Pallotti se abre ao caminho da plenitude. Ele quer fazer cooperar o “nada” do homem com o “tudo” de Deus, pois, segundo ele, o homem é um cooperador de Deus, alguém que “é o objeto da ação para agir”. É por isso que Vicente nunca separa a questão do homem da questão de Deus. As duas têm por objetivo dinamizar

¹²⁴ *A cooperação, paixão de uma vida*, p. 167.

¹²⁵ *Idem*, p. 168.

¹²⁶ *Idem*, p. 168.

¹²⁷ *Idem*, p. 169 e 170.

¹²⁸ *Idem*, p. 170 e 171.

tanto o conhecimento de si quanto o de Deus. Ele buscava Deus sempre e em tudo, descobrindo que não se pode chegar a conhecê-lo sem passar pelo conhecimento de si.

O conhecimento de si, segundo Pallotti:

1. O homem se conhece a partir do amor infinito de Deus que se reflete nele. Uma vez que o homem é criado à imagem de Deus, todos devem reconhecer sua dignidade, sua beleza e o bem que Deus colocou neles. “Buscai Deus e O encontrareis. Buscai-o em todas as coisas e O encontrareis em tudo. Buscai-o sempre e O encontrareis sempre”¹²⁹.
2. Ainda que seja imagem de Deus, o homem é uma imagem divina desfigurada. Em vez de viver a vida de Amor no vosso Amor infinito, tenho amado a mim mesmo, tenho gostado de desafogar brutalmente todas as minhas malvadas paixões. Amei a terra, amei até o pecado¹³⁰.
3. Esse conhecimento de si não é estático; é sempre crescente e jamais acabado, pois o homem não é uma imagem pintada em tela, nem imagem de madeira, de pedra, de metal, mas substância vivente racional, espiritual. Tanto para Pallotti, como para Teresa D’Ávila, o conhecimento de Deus e de si mesmo caracteriza o início e o cume de um autêntico encaminhamento cristão, pois tal conhecimento é uma condição preliminar indispensável para que o homem aprenda a trabalhar nas obras de Deus, a viver somente para a infinita glória de Deus. É assim que o homem se realizará o mais plenamente possível como imagem, ou ainda melhor, Deus realizará no homem a sua imagem.

O homem por si só não pode salvar-se, mas pode e deve cooperar com a salvação enquanto servidor inútil (cf. Lc 17,7). Essa consciência conduziu Vicente a conceber o apostolado como uma obra exclusivamente divina em que até a cooperação do homem é compreendida como o mais divino de todos os dons divinos. Não obstante, Pallotti não desvaloriza o esforço humano¹³¹.

Segundo Pallotti, o seguimento de Cristo não é um bem exclusivo de alguns privilegiados. Todos os discípulos são chamados, cada um segundo sua situação particular e ao seu modo, a estar com Jesus¹³². O seguimento de Jesus Cristo, Apóstolo do Pai eterno, implica, portanto, uma vida cristã modelada pelos mistérios de Cristo e confere à espiritualidade palotina uma característica universal. É preciso notar que na escola de Vicente Pallotti, a imitação de Jesus Cristo não se dá pela soma de instituições, mas pela arte da cooperação entre o amor apaixonado de Jesus pelo Pai que o enviou e pelos homens aos quais é enviado.

Vicente insiste em mostrar que tudo o que Jesus fez durante a sua existência terrena provém de seu amor pelo Pai e de seu amor redentor pelos homens. Ele escreveu: “Nosso Senhor Jesus Cristo é o Apóstolo do Pai eterno, porque mandado por Ele para reparar a glória da sua majestade ultrajada e para redimir o gênero humano”¹³³. Portanto, para Pallotti, viver imitando Cristo implica imitar como algo indissociável o amor por Deus Pai e o amor pelo próximo.

Pallotti quando falava da imitação de Cristo, ele não se dirigia exclusivamente para as pessoas consagradas. Ele se dirigia a todos os que buscavam promover a maior glória de Deus, a sua própria salvação eterna e a do próximo, servindo-se de todos os meios possíveis e

¹²⁹ Idem, p. 173, nota 138.

¹³⁰ Idem, p. 174.

¹³¹ Idem, p. 175.

¹³² Idem, p. 178.

¹³³ Idem, p. 186.

convenientes para cada classe de pessoas. Isso significa que seguir Cristo mais de perto e fazer d'Ele o tudo de sua existência não é algo exclusivo, mas é obrigação de todos os discípulos de Cristo¹³⁴.

REFLEXÃO:

1. Por que Pallotti se autointitulava “homem do pecado”?
2. Pallotti queria imitar Deus, como isso é possível?
3. Por que o pecado entrou no mundo e quais as suas consequências?
4. O que mais lhe tocou nesse texto?

ENCERRAMENTO:

Oração de agradecimento a Deus.

Todos: Ah, meu Deus, ao criar a nossa alma desse modo, até onde levastes vosso amor! Eu sei que o vosso amor infinito é também infinitamente misericordioso. Assim, nem a falta de reconhecimento da parte de todos os homens, nem sequer a minha ingratidão puderam impedir-vos de executar o eterno, amorosíssimo e misericordiosíssimo projeto de criar a nossa alma à imagem e semelhança de vós mesmo, uno na essência, trino nas pessoas, eterno, infinito, imenso, incompreensível e de todos os vossos infinitos atributos e perfeições.

Ah, meu Deus, quem poderá compreender, por um lado, esse vosso amor infinito e essa vossa infinita misericórdia e, por outro, o meu desconhecimento e ingratidão, quando não dei à minha alma o valor que lhe devera dar?

Deus meu, Pai meu, amorosíssimo e misericordiosíssimo criador meu! Eu não chego a vos conhecer, eu não chegarei nunca a compreender a preciosidade da minha alma, criada à vossa imagem e semelhança! Muito mais impossível ainda é que eu chegue a compreender o amor infinito e a infinita misericórdia com que vos tendes dignado criar-me dessa forma. (Ibidem, 108-109).

Pedir para os participantes refazer a leitura do texto em casa. Grifar as partes que mais lhes chamaram a atenção. As impressões desta leitura serão apresentadas no próximo encontro.

ANOTAÇÕES

¹³⁴ Idem, p. 189.

8º TEMA: CHAMADOS PARA EVANGELIZAR

8.1 FORMAÇÃO 9: UMA IGREJA EM SAÍDA

Tempo estimado: de 50min a 60min

Preparação do ambiente – Opcional – (Módulo II – item 1 – p. 9).

Sugestão: colocar uma vela acesa sobre a mesa e uma Bíblia.

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Imaculada Mãe de Deus:

Todos: Rainha do céu, Mãe de misericórdia, advogada e refúgio dos pecadores, iluminado e confortado pelas graças que a vossa materna benevolência me conseguiu do tesouro divino. Eu quero entregar, agora e sempre, o meu coração, em vossas mãos, para que o consagreis a Jesus. Sim, ó Maria, perante os anjos e santos, eu vo-lo entrego e vós, em meu nome, consagrai-o a Jesus. Pela confiança filial que deposito em vós, sei, com certeza, que haveis de fazer, agora e sempre, quanto puderdes para que o meu coração seja todo de Jesus, à imitação dos santos, em especial de São José, vosso puríssimo esposo. Amém.

Seria oportuno entregar aos participantes canetas e lápis para que possam fazer anotações, grifar as partes do texto que mais chamaram a atenção (por sugestão própria ou do dirigente).

A força do batismo

Segundo a *Lumen Gentium* (LG)¹³⁵, “todo leigo é chamado a ser testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus, sinal de Deus vivo, diante do mundo”. O documento número 40 afirma: “Nas diversas profissões e formas de vida, a santidade é sempre a mesma”. O número 33: “Formando o povo de Deus, os leigos constituem um só corpo de Cristo, que é a cabeça. Por vontade do Criador e pela graça recebida do redentor, todos, como membros vivos, são chamados a contribuir com o melhor de suas forças para o crescimento e contínua santificação da Igreja”.

A santa Igreja foi instituída por Deus, com uma grande variedade de categorias e funções (LG 32). Os leigos, homens e mulheres, em virtude da sua condição e missão, têm algo de especial, cujo fundamento deve ser melhor examinado nas circunstâncias particulares do mundo em que vivemos. Os pastores sabem quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja. Sabem que não foram constituídos por Cristo para assumirem sozinhos a missão salvadora da Igreja em relação ao mundo. É sumamente importante que, no exercício da sua função, contem com o apoio dos leigos e com os seus carismas, permitindo que todos colaborem a seu modo na execução do trabalho comum (...). Denominam-se leigos todos os fiéis que não pertencem às ordens sagradas, nem são religiosos reconhecidos pela Igreja. São, pois, os fiéis batizados, incorporados a Cristo, membros do povo de Deus, participantes da função sacerdotal, profética e régia de Cristo, que tomam parte no cumprimento da missão de todo o povo cristão, na Igreja e no mundo (LG 31).

¹³⁵ VATICANO II, *Mensagens, discursos, documentos*, Paulinas: São Paulo, 1998, p. 185, n. 38.

A identidade do cristão

A identidade do cristão não é definida pelas teorias das ciências humanas. É a teologia, por meio da revelação divina, que manifesta a identidade de Deus, de Jesus Cristo e sua missão e conseqüentemente do cristão. Por isso, a identidade do cristão se manifesta a partir de Jesus Cristo. A revelação divina nos mostra que o ser humano é uma criatura especial de Deus. O homem, sendo imagem d'Ele, é capaz de conhecer e amar o próprio Criador. Com essa compreensão antropológica, se evidencia a superioridade do homem na complexidade do seu mistério. Com a sua inteligência, ele participa da luz de Deus. Conforme o testemunho bíblico, imagem de Deus é o caráter distintivo do homem em relação às demais criaturas. Ora, quando falta na vida o contato com Deus, o outro passa a ser apenas outro, sem ver nele a imagem divina¹³⁶.

O cristão precisa ter uma identidade sólida e positiva para poder testemunhar a sua fé e anunciar Jesus Cristo. A falta de clareza da própria identidade nos faz cair em incoerências, pois nos leva a viver fora da finalidade essencial da nossa vida e nos distancia do nosso verdadeiro valor. Isso, muitas vezes, dificulta uma realização mais profunda da nossa vida e vocação. A origem da nossa identidade cristã está no batismo. Nele, recebemos uma nova identidade, que é a de sermos filhos de Deus. Pelo batismo nos tornamos membros da comunidade eclesial e nos credencia a continuar a missão de Jesus Cristo. Ser cristão é reproduzir, na própria vida, o modo de viver de Jesus, é identificar-se sempre mais com Ele¹³⁷.

São Mateus apresenta a identidade e a missão do cristão: batizar e fazer discípulos (Mt 28,19). Os que foram batizados, em nome de Cristo, foram também enviados em missão (Lc 10,1). Inspirados pelo Espírito Santo, os cristãos realizam numerosas iniciativas apostólicas como manifestação de amor ao próximo, fundado no amor de Deus. Segundo o Papa Bento XVI, na encíclica *Deus Caritas Est*, o compromisso de fé com Cristo leva à realização da caridade, tanto individualmente como em comunidade. Para ele, a caridade deve ser organizada como pré-requisito, para um serviço ordenado à comunidade. A identidade da Igreja está na caridade. Ela é a sua essência. Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo confiar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência¹³⁸. A Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família, não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário¹³⁹.

A caridade vai muito além de uma simples assistência humanitária. Ela é um serviço abnegado por motivo de fé: “é servindo ao próximo que os meus olhos se abrirão para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama”¹⁴⁰. Os Santos hauriram a sua capacidade de amar o próximo, de modo sempre renovado, do seu encontro com o Senhor eucarístico e, vice-versa, este encontro ganhou o seu realismo e profundidade, precisamente, no serviço deles aos outros. O amor cresce através do amor. O amor é “divino”, porque vem de Deus e nos une a Deus, e, através deste processo unificador, transforma-nos em um nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus seja “tudo em todos” (1Cor 15,28).

¹³⁶ Bento XVI, *Encíclica Deus caritas est*, n. 18.

¹³⁷ LONDERO, Ângelo, *Por uma formação cristã e palotina*, Biblos: Santa Maria, 2017, p. 61-68.

¹³⁸ Bento XVI, *Encíclica Deus caritas est*, n. 22.

¹³⁹ Idem, n. 25b.

¹⁴⁰ Idem, n. 18.

Segundo São Vicente Pallotti, o amor de Deus é difusivo. Ele irradia nos corações, que, por sua vez, torna-se uma luz que vai se propagando na vivência entre as pessoas. Assim disse Jesus: “Quem me vê, vê o Pai”! Ele é o reflexo do amor do Pai, que ama o Filho, que por sua vez, o filho transborda esse amor na cruz (Rm 5,5). O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever para cada um dos fiéis, mas o é também para a comunidade eclesial inteira, em todos os seus níveis: desde a comunidade local, passando pela Igreja particular, até a Igreja universal na sua globalidade. A Igreja também, enquanto comunidade deve praticar o amor. Consequência disso é que o amor tem necessidade também de organização, enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado¹⁴¹. A consciência de tal dever teve relevância constitutiva na Igreja desde os seus inícios: “Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos de acordo com as necessidades de cada um” (At 2, 44-45). Com o passar dos anos e a progressiva difusão da Igreja, a prática da caridade confirmou-se como um dos seus âmbitos essenciais, juntamente com a administração dos Sacramentos e o anúncio da Palavra: praticar o amor para com as viúvas e os órfãos, os presos, os doentes e necessitados de qualquer gênero pertence tanto à sua essência como o serviço dos Sacramentos e o anúncio do Evangelho (Mt 25,34-40). A Igreja não pode descurar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra¹⁴².

O direito de associar-se

As associações representam a forma organizada e mais elaborada do ministério eclesial, para desenvolver a caridade e a piedade, caracterizado pela ação evangelizadora da Igreja e portadores da possibilidade de reunir os vários estados de vida (sacerdotes, religiosos, leigos), por um objetivo comum. As associações não têm seu próprio propósito, mas elas servem a missão que a Igreja deve cumprir no mundo com o testemunho e o espírito evangélico¹⁴³.

O direito de se associar para desenvolver obras apostólicas provém do Batismo e da Confirmação, para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e bem recebida pelas pessoas. O requisito fundamental de uma associação católica é a comunhão com a Igreja e o reconhecimento dos estatutos, nos quais ela determina a finalidade, a localização, o governo, condições exigidas para sua admissão, tendo em conta a necessidade de tempo e lugar com uma indicação clara para inculturação. O nascimento de uma nova associação é sempre uma garantia contra a centralização excessiva que sufoca e inibe a participação¹⁴⁴. Por isso, o Papa Francisco convoca todos os batizados para uma Igreja em saída, ou seja, uma Igreja onde todos os seus membros são protagonistas no caminho do discipulado. Segundo ele, a reforma da Igreja católica tem que levar em conta que é necessário superar a mentalidade reducionista e clerical que entende os leigos como objetos da ação da hierarquia e como “consumidores” dos

¹⁴¹ Idem, n. 20.

¹⁴² Idem, n. 22.

¹⁴³ “A UAC, como uma associação pública internacional, é uma pessoa jurídica eclesial e não pode ser considerada como Ordem Terceira, de acordo com a norma do cân. 303; nem mesmo uma Federação de diferentes congregações ou sociedades de vida apostólica, de acordo com a norma do cân. 582, porque uma associação não é vida consagrada (cf. can. 298) e não tem o poder de governar sobre os membros das comunidades de fundação, mas uma coordenação das obras que estão sob a pessoa jurídica desta associação, que é a UAC. Desta forma, como afirmado no n. 10 de seu Estatuto, a UAC não interfere nos regulamentos internos das comunidades que fazem parte dela (cfr. artigos 34-37 e 40)”. GERALDO, Denilson, *La sinodalità nell'Unione dell'Apostolato Cattolico*, in *Apostolato Univesale*, n. 47/2018, p. 39.

¹⁴⁴ Idem, p. 36.

sacramentos, bem como criar as condições necessárias, para que os leigos possam viver o seu protagonismo de forma autônoma¹⁴⁵.

A associação, por meio dos seus dispositivos legais, ajuda no diálogo com a cultura e exige lidar adequadamente com as questões sociais do nosso tempo. Esta é a chave para uma visão associativa adequada, porque a realidade é caracterizada por problemas cada vez mais interconectados e que influenciam toda a família humana. Diante disso, é preciso criar novas estratégias que satisfaçam às necessidades do nosso tempo, o valor da vocação cristã e dos diferentes carismas para a evangelização da sociedade e também dialogar com todos aqueles que desejam, sinceramente, o bem do povo e da humanidade. Um sinal de esperança é o fato de que, hoje, as religiões e culturas expressam abertura ao diálogo e a urgência de unir seus esforços para promover a justiça, a fraternidade, a paz e o crescimento da pessoa humana.

O Direito Canônico, can. 215, acentua que os fiéis têm o direito de estabelecer e dirigir livremente associações que visam à caridade ou à piedade, ou associações que propõem o aumento da vocação cristã no mundo. Têm o direito de realizar reuniões para a concretização comum de tais propósitos. Porque, por meio do batismo, a pessoa é incorporada na Igreja de Cristo, com os deveres e os direitos que lhes são próprios, em comunhão com a Igreja.

O Concílio Vaticano II destacou, de maneira particularmente clara, a “igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à atuação, comum a todos os fiéis, em favor da edificação do corpo de Cristo”, em virtude do sacramento do batismo (LG, n. 32). O princípio da igualdade implica que existem alguns direitos e deveres fundamentais comuns a todos os fiéis, que foram enunciados no cânon 208-223. No entanto, o reconhecimento do direito de associação dos batizados foi o resultado de um desenvolvimento gradual, no qual o Concílio Vaticano II foi de fundamental importância, e que só culminou com a completa formalização desse direito dos fiéis, na entrada em vigor do Código de Direito Canônico. Pois o batismo lhes dá a dignidade de um lar espiritual e de um sacerdócio sagrado. Em virtude do sacerdócio comum dos fiéis, eles podem, em união com Cristo e à Igreja, viver uma vida extraordinária, cheia de graça, mesmo em suas circunstâncias mais comuns. Esta é a vida sacramental. Os membros de uma associação ou movimento se esforçam para viver essa vida mais intensamente.

REFLEXÃO:

1. Qual o papel do laicato em uma Igreja em saída?
2. O batismo é a fonte e a inspiração de todo apostolado, porquê?
3. A UAC é uma associação de fiéis. Qual é a sua importância para a Igreja?
4. Após fazer esta caminhada formativa, como responder positivamente a esse ideal de vida?

ENCERRAMENTO:

Oração agradecendo a Deus o momento vivido.

¹⁴⁵ Observatório eclesial Brasil, *Todos somos discípulos missionários* (Papa Francisco e o laicato), ano nacional do laicato, 2018, Paulinas: São Paulo, p. 26.

8.2 FORMAÇÃO 10: O APOSTOLADO DE TODOS

Tempo estimado: de 50min a 60min

Dirigente: iniciar com o sinal da cruz.

Todos: Espírito Santo, Espírito divino de luz e de amor, a vós consagro a inteligência, o coração, a vontade e toda a minha pessoa, no tempo e na eternidade. A minha inteligência siga sempre as celestes inspirações e a doutrina da Igreja católica, da qual sois guia infalível; a minha vontade concorde sempre com a vontade divina e toda a minha vida seja uma fiel imitação da vida e das virtudes do Senhor e Salvador nosso Senhor Jesus Cristo, o qual juntamente com o Pai Eterno e convosco, seja a honra e glória por toda eternidade. Amém.

A fonte do apostolado

A fonte de todo apostolado é o amor de Deus, que, em Jesus Cristo, Apóstolo do Pai, impulsiona as pessoas a viverem em perfeita união e a expressarem na vida tudo quanto receberam por meio da fé. O desejo de Deus está escrito no coração do ser humano. Deus não cessa de atraí-lo a si, e, somente em Deus, a pessoa humana encontra a verdade e a felicidade que não cessa de procurar. O ser humano é chamado a viver em comunhão com Deus. O homem existe porque Deus o criou por amor e, por isso, não cessa de dar-lhe o ser, e o homem só vive plenamente, segundo a verdade, se reconhecer livremente este amor e se entregar ao seu Criador.

A União do Apostolado Católico, uma associação de fiéis, é dom do Espírito Santo, e vive em comunhão, segundo o carisma de São Vicente Pallotti, a serviço da Igreja e do mundo¹⁴⁶. Esse chamado é um dom gratuito do Pai que, no seu amor infinito e misericordioso, chama as pessoas a seguirem seu Filho, Jesus Cristo, Apóstolo do Eterno Pai, para continuar, no mundo, a Sua Missão salvífica. Como o Pai mandou o Seu Filho ao mundo, assim também os membros da União, impulsionados pelo amor redentor de Cristo, são enviados a:

1. Reavivar e difundir a fé evangelizando as pessoas e a sociedade em que vivem;
2. Reacender a caridade;
3. Viver uma profunda união com Jesus, Apóstolo do Eterno Pai, no desenvolvimento de obras apostólicas, em comunhão com os católicos, os cristãos e as pessoas de boa vontade;
4. Despertar, no povo de Deus, a consciência da vocação ao apostolado¹⁴⁷.

São Vicente Pallotti (1795-1850), foi o fundador da União do Apostolado Católico (UAC), reconhecida definitivamente como uma associação pública internacional em 2008, para que os membros do Povo de Deus pudessem, unidos na missão evangelizadora da Igreja, praticar a caridade de forma associativa. Pallotti acreditava que as iniciativas apostólicas pessoais seriam mais eficazes se fossem realizadas em colaboração e destinadas à tarefa comum da vida e à difusão conjunta do Evangelho. Com efeito, a missão das UAC é de promover o espírito associativo dos batizados e trabalhar pela justiça e pela caridade.

¹⁴⁶ *Estatuto Geral da União do Apostolado Católico (UAC)*, n. 1.

¹⁴⁷ *Idem*, n. 12.

Podemos dizer também que o trabalho associativo é uma prática verdadeira do princípio da subsidiariedade, baseado na teologia da comunhão e que dá uma sábia descentralização do apostolado caridoso e inculturado na realidade de cada Igreja local, de acordo com o tempo e o lugar (ver Cânon 304)¹⁴⁸.

Delgado Galindo afirma que o princípio da subsidiariedade tem o seu próprio valor dentro da organização da Igreja, se for entendido na perspectiva da promoção do bem de todos os fiéis, obtida de diferentes maneiras, mantendo o dever de permanecer firmemente ancorado na comunhão com a hierarquia. Aplicado às associações de fiéis, o princípio da subsidiariedade sublinha a liberdade de direito e autonomia desfrutada por essas organizações dentro da Igreja, para alcançar seus objetivos, como um dos princípios constitucionais do direito canônico. É também importante respeitar a sua legítima autonomia como agentes da Igreja, que também se traduz no direito de organizar a sua vida associativa com regras particulares que os membros da organização entregam a si próprios, obviamente observando as normas do direito comum e particular. É por esta razão que o princípio da subsidiariedade encontra um campo frutífero de aplicação nas associações de fiéis. Reconhece aos membros das associações eclesiais o direito de exercer todas as funções e atividades, que são capazes de exercer por si próprios, como a elaboração dos estatutos da associação dos fiéis a que pertencem, que devem então submeter à autoridade eclesiástica para obter reconhecimento ou aprovação¹⁴⁹.

Quem pode fazer parte da União?

Segundo São Vicente Pallotti, todo batizado é chamado por Deus para ser apóstolo do Reino. Para justificar isso, apresentou Maria, a Mãe de Jesus, como mulher apóstolica, fazendo muito mais que todos os apóstolos, mesmo sem receber nenhuma ordem sacra. Ela foi sempre obediente à vontade do Pai. O seu “Sim” transformou o mundo, gerou o Salvador que assumiu a nossa humanidade. Maria, pela graça de Deus, tornou-se a Rainha dos Apóstolos.

O ser humano está sempre em busca de algo maior para sua vida, por isso se pergunta: “o que Deus quer de mim”? Esse questionamento também é encontrado nos Atos dos Apóstolos, quando Pedro, pela primeira vez, após a vinda do Espírito Santo, fez seu discurso. Tocados pelo mesmo Espírito, as pessoas se perguntavam: “E nós, o que devemos fazer”? Pedro respondia: “Convertam-se e sejam batizadas” (At 2,37-38).

Portanto, o batismo já nos inseriu no projeto redentor de Cristo, porém ele convida pessoas para um trabalho específico em sua Igreja, para que sua dedicação seja exclusiva ao serviço do Reino. Todavia, ele suscita no meio do povo pessoas com carismas especiais, para tornar o evangelho sempre atual e, desta forma, responder às necessidades de cada época.

No ano de 1835, Deus inspirou Vicente Pallotti para reavivar a fé e para reacender a caridade de muitos cristãos indiferentes. Do seu encontro pessoal com Deus e com a necessidade de uma evangelização mais ardorosa, ele convocou todos os batizados para testemunharem sua fé em todos os momentos e circunstâncias da vida. Fundou a União do Apostolado Católico (UAC), para que pudesse difundir os ideais cristãos. Fundou também a Sociedade do Apostolado Católico (SAC), padres e irmãos. Fundou as irmãs, para que juntos

¹⁴⁸ GERALDO, Denilson, *Apostolato universale*, p. 37-38

¹⁴⁹ Idem, p. 39.

possam coordenar os trabalhos apostólicos, e serem um elo entre os leigos, religiosos, religiosas e o clero.

Portanto, o cooperador palotino vive a vocação familiar, social e eclesial, de modo que conduza todos à santidade. Desenvolvendo esse apostolado, que lhe é próprio e peculiar, por razão do seu batismo, ele realiza sua vocação à santidade. Mas, o que leva uma pessoa a se consagrar ou fazer o compromisso apostólico na UAC? Certamente, é o seu profundo desejo de corresponder ao amor que Deus tem manifestado em sua vida, pois quem muito recebeu deve também partilhar, ainda que seja a sua fé e o seu compromisso religioso, dentro de um carisma específico.

REFLEXÃO:

1. O que você entende por apostolado católico?
2. De que forma você também pode colaborar com a obra da salvação?
3. Você consegue sentir o apelo de Deus em sua vida, para fazer algo em prol do reino? De que forma você quer responder a Ele? Qual a sua resposta concreta?

ENCERRAMENTO:

Agradeçamos este momento de oração:

Todos: Meu Deus, Pai meu, luz inacessível, riqueza eterna, bem infinito, amor e misericórdia infinita, meu tudo. Quem jamais chegará a compreender as infinitas, amorosas e misericordiosas inventivas da vossa caridade e misericórdia infinita, na criação de todas as coisas visíveis? Seu destino é tornar-vos amado pelos homens! Vós não tínheis necessidade delas. Vós queríeis que nós, por elas, tivéssemos mérito e pudéssemos vir a fruir-vos por toda a eternidade, nos esplendores da glória.

Concedei-me o dom de valer-me, no uso de todas as coisas criadas, desse amor e dessa misericórdia, conforme a vossa vontade, a fim de poder contemplar-vos, possuir-vos e fruir-vos por toda a eternidade, nos esplendores da glória. (Deus, o Amor infinito, 102-103).

ANOTAÇÕES

ANEXO I

1 PROCEDIMENTOS PARA O COMPROMISSO APOSTÓLICO NA UAC

O Estatuto Geral da UAC diz, no artigo 32, que para ser membro da união deve-se fazer um específico ato de compromisso no apostolado universal da União. Mas, o que é o ato de compromisso apostólico? O que é preciso para obtê-lo? Quais os passos para pedir sua admissão? Como deve acontecer esse ato de compromisso?

Diante desses e de outros questionamentos, o CNCB recebe, os pedidos de agregação de novos membros da União. Por isso, decidiu-se organizar esse material, para facilitar o acesso aos documentos necessários e tirar as principais dúvidas.

O material que segue contém uma pequena explicação do ato de Compromisso Apostólico, a partir de um texto escrito pelo Conselho Geral de Coordenação da UAC, sob a orientação do Padre Hubert Socha. Em seguida, a primeira parte do Estatuto Geral, que trata da Natureza, Missão e Espiritualidade da União. Também do Estatuto, o capítulo 5 da segunda parte, que trata dos direitos e deveres dos membros da União.

Após o estatuto, serão apresentados todos os documentos necessários para aqueles que desejarem fazer o Compromisso Apostólico, ou seja, o requerimento, a ficha e a fórmula do Ato de Compromisso Apostólico.

Por último, o modelo de celebração do ato de compromisso e da renovação do ato de empenho que deve ser feita anualmente, por todos os membros individuais da União. Esperamos que esse material auxilie todos os Conselhos Locais, e que facilite o ingresso de novos membros para somar na evangelização, segundo o carisma de São Vicente Pallotti.

2 O ATO DE COMPROMISSO APOSTÓLICO¹⁵⁰

Esse texto é uma adaptação do texto “O Ato de Compromisso Apostólico na União do Apostolado Católico”, escrito pelo Conselho Geral de Coordenação da UAC.

A União é uma Associação pública (Est. G. art. 8) e a Igreja, com o decreto de instituição, assumiu uma especial responsabilidade a respeito da mesma¹⁵¹. As pessoas não podem ser obrigadas a participar como membros da União, muito menos, a pertença pode ser tacitamente pressuposta, essa se fundamenta na livre decisão que deve ser avaliada. Por isso, os fiéis que se sentem chamados a fazer parte da mesma, devem requerer, por escrito, a admissão à União. O requerimento é enviado ao Conselho Nacional de Coordenação competente (Est. G. art. 72).

A admissão à União acontece, normalmente, durante uma celebração Eucarística presidida, quando possível, por um sacerdote da UAC. Se na mesma celebração são admitidos mais de um candidato, cada um declara individualmente a própria decisão de tornar-se membro. É competência do Presidente do Conselho Nacional de Coordenação (CNCB) ou de seu delegado aceitar o Ato de Compromisso. Com a admissão à União, o candidato exprime sua decisão de colaborar no apostolado universal da Igreja.

O Conselho Geral de Coordenação, segundo o artigo 32 do Estatuto Geral, estabeleceu que os conteúdos essenciais, abaixo elencados, devem fazer parte da fórmula do Ato de inclusão, a saber:

1. A Gratidão a Deus pelo dom da criação e da redenção que nos inseriram na vida da Trindade;
2. A Decisão de responder a tão grande amor, entregando a vida a Deus, a serviço da Igreja, na União do Apostolado Católico;
3. A radicalidade em seguir Jesus Cristo, Apóstolo do Eterno Pai, em todos os aspectos do seu estado de vida;
4. A consciência da necessidade de uma formação permanente humana, cristã e do carisma palotino;
5. O apostolado como resposta gratuita ao amor de Deus;
6. A disponibilidade em colaborar;
7. A santificação pessoal e comunitária, como a principal finalidade existencial do apostolado;

¹⁵⁰ A partir de novembro de 2012, o ato de Empenho Apostólico foi traduzido por *Compromisso Apostólico*.

¹⁵¹ Código de Direito Canônico (CDC), 116 § 1, 313.

8. A oração incessante, confiando especialmente na intercessão e na proteção da Padroeira da União, Maria, Rainha dos Apóstolos, e do Fundador, São Vicente Pallotti;
9. A duração do empenho é por toda a vida.

Os Conselhos Nacionais de Coordenação (CNC) podem adaptar à própria realidade cultural e social a proposta do Ato de Empenho Apostólico, oferecida pelo Conselho Geral de Coordenação (CGC). O texto adaptado e elaborado deve ser apresentado ao Conselho Geral de Coordenação para ulterior aprovação.

A fórmula do Conselho Nacional de Coordenação foi adaptada e aprovada pelo Conselho Geral, respeitando os conteúdos acima citados:

Agradeço-te, Deus Pai Santo, de ter-me criado a tua imagem, de ter-me redimido com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, teu Filho, de ter-me dado o Espírito Santo. Nesta fé e como resposta ao teu amor que me consagrou a ti no batismo, EU declaro hoje o meu compromisso de seguir a Jesus Cristo e ao Evangelho, conforme meu estado e minha condição de vida. Coloco, totalmente, à disposição do Reino de Deus e da missão da Igreja todos os dons de natureza, de graça e a minha própria vida, como membro efetivo da União do Apostolado Católico, conforme o carisma do Fundador São Vicente Pallotti, para a santificação minha, dos irmãos, das irmãs e para a salvação de toda a humanidade. Faze que eu procure a salvação de todos, como a desejo para mim mesmo. Faze que eu possa reavivar a fé, reacender a caridade e difundi-las em todo o mundo. Faze que eu me volte aos excluídos, porque estes são os prediletos do teu coração. Faze que eu me empenhe, com todo o meu ser, para despertar o espírito apostólico em todos os cristãos. Faze que eu participe na edificação do Reino de Deus, com todos os homens e mulheres que te buscam de coração sincero; Entrego esta minha decisão à Maria, Rainha dos Apóstolos e padroeira da União, e invoco a proteção de todos os anjos e santos.

O fundamento de todas as obrigações especiais contraídas na Igreja é a vocação à santidade e ao apostolado, conferida no batismo; essas recordam tal missão, confirmam-na e a desenvolvem (Cf. Est.G. art. 24; OO CC II 290; LG 44). Esse fundamento é válido também para o Ato de Compromisso Apostólico na Admissão à União.

A declaração feita pelo novo membro no Ato de Compromisso, diante do Presidente ou de um seu delegado do Conselho Nacional de Coordenação competente, é dirigida:

1. A Deus, que, no Seu amor misericordioso, o chamou e lhe deu condições para emitir e levar a cumprimento esse ato (Cf. Est.G. art. 18; OOC III 217-219; IV 149, 400);
2. À Igreja, sinal e instrumento do Reino de Deus em contínuo crescimento da qual os membros se colocam a serviço (Cf. Est.G. art. 21);
3. À União como tal (Est. G. art. 31) ou a uma de suas comunidades (Est.G. art. 38). Os membros desejam servir o apostolado universal confiado à Igreja, na União e com a União.

Os dados dos novos membros da União são registrados no arquivo nacional e comunicados ao Conselho Geral de Coordenação (Est.G. art. 32).

Na celebração do Ato de Compromisso, os fiéis fazem memória da vocação que lhes foi transmitida por meio da iniciação cristã, e decidem vivê-la na União.

O Compromisso Apostólico não é um ato oficial e público como o é emitir a profissão em um Instituto de Vida Consagrada (CDC 573; can. 410 CCEO). Do ponto de vista jurídico consiste em assumir um compromisso privativamente (Cf. c. 1192 § 1 CIC; can. 889 § 4 CCEO). Apesar disso, a admissão à União possui um especial caráter público e eclesiástico.

Normalmente, é incluído ao culto público (*cultus publicus*), que se desenvolve em nome da Igreja por pessoas legitimamente delegadas. Permite aos membros de participarem do apostolado público da União, que a Igreja fez próprio, e que a encarregou de uma missão especial. Tal apostolado está particularmente, unido aos Pastores da Igreja e é dirigido por eles (cc. 315, 316, 317 § 1, 318, 319 CIC; cann. 580, 582 CCEO).

Com o ato de admissão, passa a existir uma relação semelhante a de um contrato: a pessoa admitida coloca-se a serviço da União que lhe assegura todos os direitos e deveres próprios de um membro, como também a participação aos benefícios espirituais da mesma. (Est. G. art. 46-49). Assim, ambas as partes se unem por uma relação recíproca e interdependente.

Todos os membros da União renovam anualmente, na data escolhida pelo Conselho Nacional de Coordenação, o Ato de Compromisso Apostólico, com o qual declararam publicamente sua incorporação.

3 O ESTATUTO GERAL DA UNIÃO DO APOSTOLADO CATÓLICO

PARTE 1 – NATUREZA, MISSÃO E ESPIRITUALIDADE

CAPÍTULO 1 – NATUREZA

A União do Apostolado Católico, dom do Espírito Santo, é uma comunhão de fiéis que, unidos com Deus e entre si, e segundo o carisma de São Vicente Pallotti promove a corresponsabilidade de todos os batizados em reavivar a fé, em reacender a caridade na Igreja e no mundo, e levar todos à unidade em Cristo.

A origem, a fonte e o mestre de todo o apostolado, para os membros da União, é Jesus Cristo, Apóstolo do Eterno Pai (cf. Hb 3,1).

A Padroeira da União, modelo eminente de vida espiritual e de zelo apostólico, é a Bem-aventurada Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos.

O centro espiritual da União está junto à Igreja de San Salvatore in Onda, onde se conserva o resto mortal, intacto, de São Vicente Pallotti.

Na União, as múltiplas formas de chamado pessoal e as diversas modalidades de vida, de compromisso e de serviço são conduzidas à unidade pelo carisma de fundação, pelo mesmo espírito, pela mesma missão e pela comunhão dos membros, como são descritos no presente Estatuto, porque “A cada um é dada uma manifestação particular do Espírito para a utilidade comum” (1Cor 12,7).

A igual dignidade dos membros da União se funda sobre a comum semelhança com o Criador e sobre o comum sacerdócio do Povo de Deus. Ela se expressa numa pluralidade de vocações para a vida laical, para a vida consagrada e para o ministério ordenado, tão coligadas que cada uma ajuda a outra a estar atenta ao crescimento contínuo e a prestar o próprio específico serviço.

A União do Apostolado Católico é uma associação pública internacional (cf. CDC 298-320 e 327-329), constituída por fiéis de todo estado e vocação, ereta pela Santa Sé e regulada segundo as normas do Código de Direito Canônico e os artigos do presente Estatuto. A sede da União está junto à Casa Geral da Sociedade do Apostolado Católico, em Roma.

CAPÍTULO 2 – MISSÃO

A União do Apostolado Católico participa na missão da Igreja para despertar a fé e a consciência do chamado ao apostolado, de reacender a caridade entre todos os membros do Povo de Deus, a fim de que eles estejam sempre mais unidos no compromisso de propagar a caridade e para que se tenha, o mais rapidamente possível, um só rebanho sob um só Pastor (cf. Jo 10,16). Por isso, a União, em comunhão com os pastores competentes, promove a colaboração entre todos os fiéis com a abertura a novas formas de evangelização.

Para realizar tal missão, a União, como associação espiritual e apostólica, aberta a todos os membros do Povo de Deus, isto é, aos fiéis leigos, clérigos e aos fiéis consagrados propõe-se fazer emergir e reavivar os carismas de cada um. Ela quer viver o mistério da Igreja como comunhão apostólica de todos os fiéis na sua original dignidade.

A união entre todos os católicos quer:

1. reavivar a fé, a esperança e a caridade, recebidas como dons no batismo;
2. promover a santidade - própria e dos outros;
3. promover a consciência da missão a eles confiada por Deus e sustentá-Ios na disponibilidade e capacidade de desenvolver juntos o apostolado;
4. fazer aproximar-se da espiritualidade apostólica, nossa herança;
5. reforçar o empenho pelas missões *ad gentes*.

A União, com todos os cristãos, quer:

1. invocar a bênção de Deus sobre a evangelização por meio da oração, do sacrifício e das boas obras;
2. ajudar os homens a se abrirem à luz da fé e à força salvífica de Cristo;
3. sustentar com força o crescimento de uma unidade sempre mais profunda;
4. tornar, quanto mais possível, indivíduos prontos e capazes de atuar junto como mensageiros do Evangelho a serviço do Amor Infinito;
5. levar a mensagem cristã da salvação àqueles que ainda não a ouviram;
6. prover os meios necessários para a atividade apostólica.

A União, com todas as pessoas de boa vontade, imagens vivas da caridade por essência (cf. Gn 1,26), quer:

1. partilhar a caridade;
2. proteger os valores da vida humana e da família;

3. ajudar os outros nas suas necessidades;
4. empenhar-se pela justiça, pela solidariedade, pela paz e a salvaguarda de tudo o que foi criado;
5. favorecer o diálogo inter-religioso;
6. promover a realização da escolha preferencial pelos pobres e os excluídos, combatendo as causas da pobreza.

CAPÍTULO 3 – ESPIRITUALIDADE

A caridade, exercitada como a descreve o Apóstolo Paulo (cf. 1Cor 13,4-7; 2Cor 5,14), “forma todo o substancial constitutivo da União; por isso todos devem estar sempre animados pelo verdadeiro espírito da mais perfeita caridade”.

A União está enxertada no processo dinâmico do amor misericordioso da Santíssima Trindade: Deus doa-se a si mesmo ao homem e a todas as criaturas, para reconciliar a si todas as coisas e estas entre si, levando assim à salvação e à perfeição em Cristo toda a humanidade e a criação inteira (cf. Ef 1,10; Cl 1,20). Os membros da União, como São Vicente Pallotti, se deixam com todo o coração permear pelo amor infinito de Deus (cf. Mc 12,30), doam-se eles mesmos ao serviço e ao cumprimento da Sua vontade, que se revela a eles, especialmente, por meio da Sagrada Escritura, do ensinamento da Igreja e dos sinais dos tempos.

A espiritualidade específica da União é o seguimento de Cristo, apóstolo do eterno Pai. Na fé e na caridade, os membros da União tentam permanecer unidos ao Cristo crucificado e ressuscitado, presente entre eles (cf. Mt 18,20); esforçam-se por imitar o seu amor ao Pai e a todas as pessoas, e desejam realizar hoje, no modo mais completo, o Seu estilo de vida e de apostolado.

Os membros da União, em comunhão com Maria, Rainha dos Apóstolos, empenham-se em preparar o caminho a Cristo no coração das pessoas. Como no Cenáculo, se unem com Ela em oração para pedir a força do Espírito Santo (cf. At 1,13-14), para que os torne capazes de receber e transmitir aquele amor que renova todas as coisas (cf. Sl 104,30).

São Vicente Pallotti fundou a União para que ela sirva à Igreja, continue a missão de Cristo na terra e seja sinal e instrumento da universal unidade que Deus levará à conclusão. Os membros da União, por isso, se empenham em permanecer em comunhão com o Papa e os Bispos.

Os membros vivem a unidade fundada sobre o amor evangélico e, em qualquer lugar onde se encontrem, formam grupos de espírito apostólico abertos à colaboração entre eles e com todos (cf. Jo 13,34-35; 15,12; 17,21).

Os membros da União, a fim de aprofundar e custodiar a comunhão com Deus e entre si, no seguimento de Jesus Cristo, segundo o exemplo de São Vicente Pallotti:

1. estudam, meditam e partilham a Sagrada Escritura como sua fonte de inspiração;
2. põem a celebração Eucarística no centro da própria vida;
3. cultivam a oração pessoal e comunitária;
4. partilham uns com os outros as experiências de vida e de fé;
5. vivem a reconciliação como itinerário de conversão permanente.

Os membros da União, conscientes de que todos são chamados à santidade e ao apostolado e de que existe uma multiplicidade de modos e de graus de responder ao chamado de Deus, pedem com a oração a força de:

1. viver a espiritualidade de comunhão;
2. abrir-se ao diálogo;
3. trabalhar junto com todas as pessoas de boa vontade;
4. ter confiança que Deus, também quando os esforços parecem falhar, saber tirar sempre o bem;
5. viver na fé as provas e as fadigas da vida cotidiana para associar-se ao mistério pascal de Cristo.

PARTE 2 – MEMBROS

CAPÍTULO 5 – DIREITOS E DEVERES

O carisma da União, expressão eclesial usada por São Vicente Pallotti, é contemporaneamente, como a própria Igreja, uma realidade visível e invisível. Quem, impelido pela caridade de Cristo, entra na família da União, se une a ela pessoalmente e espiritualmente e se incorpora na sua estrutura visível.

Dáí nasce para cada membro:

- a) o direito fundamental de participar, de modo pessoal, na comum responsabilidade pela União;
- b) o dever fundamental de integrar-se ativamente em todas as expressões comunitárias de vida e de apostolado a União, segundo o próprio estado e a condição de vida;

Na União, todos os membros, desde que o presente Estatuto não disponha de outro modo, têm os mesmos direitos e deveres. Normalmente, os deveres dos membros são contemporaneamente os seus direitos e, ao mesmo tempo, os deveres e os direitos da própria União.

A eles pertence, antes de tudo, a obrigação para cada membro de:

- a. cuidar do crescimento das próprias capacidades humanas, espirituais e profissionais, para responder na União aos desafios apostólicos da Igreja;
- b. ficar ativamente ligado à própria comunidade e ao Conselho Local de Coordenação;
- c. promover, segundo as próprias possibilidades, a vocação apostólica de todas as pessoas;
- d. sustentar, no próprio estado e na própria condição, as atividades apostólicas da União e da Igreja Local;
- e. empenhar-se na difusão da União;
- f. estar prontos para assumir desinteressadamente (cf. FI 2,4; 1Cor13,5) responsabilidades na União e na Igreja Local;
- g. colaborar na aquisição dos bens temporais necessários ao apostolado da União;
- h. participar na renovação anual do ato de compromisso no apostolado universal da União.

Todos os membros participam nos benefícios espirituais próprios da União.

CAPÍTULO 6 – SAÍDA DA UNIÃO

Membros individuais (cf. art. 31), membros pertencentes a uma das comunidades da União (cf. art. 38) e essas mesmas comunidades (cf. art. 34) cessam de fazer parte por demissão voluntária ou por decisão da autoridade competente. Com a saída de uma comunidade da União termina também a pertença de todos os seus membros à União.

O Conselho Geral de Coordenação estabelece as normas de proceder para a saída da União. A exclusão da União deve ser precedida, ao menos, por uma admoestação, com o convite formal a desistir da atitude contestada.

Sobre a saída da União se exclui toda a competência das autoridades civis. Nos casos de exclusão, sempre são salvos todos os direitos de defesa e de recurso à competente instância superior da União ou, segundo as normas do Código de Direito Canônico, às competentes autoridades eclesiais.

Os membros individuais, os membros pertencentes à comunidade da União e as demais comunidades, saídos da União podem novamente pertencer-lhe, se o requererem e se submeterem aos requisitos previstos pelo presente Estatuto (cf. art. 26,32,37 e 38).

4 DOCUMENTOS PARA O PEDIDO DE COMPROMISSO APOSTÓLICO

Nas próximas páginas, estão disponibilizados todos os documentos necessários para pedir a admissão formal na União. Nos locais onde já existem os Conselhos Locais constituídos, esse pedido deve ser feito pelo próprio Conselho Local, que tem competência para avaliar se os candidatos estão aptos e com a adequada formação, para assumirem o compromisso apostólico. Onde não existe conselho constituído, um membro da União deve fazer o pedido para o Conselho Nacional. Em locais onde não existem membros da União e há pessoas interessadas em fazer parte da União, o contato pode ser feito direto com o Conselho Nacional ou por intermédio de um membro da União.

O primeiro passo para pedir a admissão é enviar o requerimento, a ficha de agregação e a possível data e local da admissão ao Conselho Nacional. Esses documentos podem ser enviados via correio eletrônico ou postal.

Na impossibilidade do Presidente estar presente na data em que foi estipulada pelo Conselho Local, o mesmo nomeará, através de uma carta, o seu delegado, que estará apto a receber o ato de *Compromisso Apostólico*, pois segundo o Estatuto Geral, quem recebe o *Ato de Compromisso* é o Presidente do Conselho Nacional ou o seu delegado.

Durante a celebração, em que vai acontecer a admissão, é que se deve assinar o *Ato de Compromisso*, logo após a sua leitura e posteriormente enviar ao Conselho Nacional, para ser arquivado e lavrada a ata que será arquivada no secretariado nacional e enviada ao secretariado geral da União. As admissões que ocorrerem sem a autorização do Presidente do Conselho Nacional de Coordenação não serão válidas, pois estarão descumprindo o que diz o Estatuto Geral da União.

5 REQUERIMENTO

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Presidente do Conselho Nacional de Coordenação da UAC – União do Apostolado Católico do Brasil:

Eu, _____ ,
nacionalidade: _____, Estado Civil: _____,
profissão: _____, portador (a) da Carteira de identidade nº RG
_____, expedida pelo _____, e do
CPF _____, membro da Comunidade Paroquial de
_____, na Arquidiocese de _____, onde
participo dos estudos, orações e atividades apostólicas do Grupo
_____, dos Membros Individuais, da UNIÃO DO
APOSTOLADO CATÓLICO, reconhecendo e aceitando como minhas, a missão e a
espiritualidade previstas nos capítulos 2º e 3º da Parte I e Capítulo 2 da Parte II, do Estatuto
Geral, e nos termos estatuídos pelos artigos 22, 23 e 24, venho pedir, que de acordo com o
art. 27 (primeira parte), seja submetido ao Conselho Nacional de Coordenação, o meu desejo
de admissão formal, nos termos do art. 32, tudo do mesmo Estatuto Geral e que, se aprovado,
eu seja admitido a fazer o “ato de compromisso apostólico” no apostolado universal da União.

Termos, em que pede deferimento.

_____, ____ de _____ de _____.

ASSINATURA

UNIÃO DO APOSTOLADO CATÓLICO
CONSELHO NACIONAL DE COORDENAÇÃO
FICHA DE CADASTRO DO AGREGADO

NOME: _____ DN: ___/___/___

RG: _____ CPF: _____

ENDEREÇO _____ Nº: _____

CEP: _____ CAIXA POSTAL: _____ CEP CX. POSTAL: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

TELEFONE: _____ E-MAIL: _____

DIOCESE: _____ PARÓQUIA: _____

GRUPO DE PERTENÇA: _____

ESTADO DE VIDA: () SOLTEIRO/A () CASADO/A () VIÚVO/A () OUTRO

GRAU DE ESCOLARIDADE: _____

ATIVIDADE PASTORAL: _____

ATIVIDADE PROFISSIONAL: _____

FORMAÇÃO PALOTINA: _____

MOTIVO DA AGREGAÇÃO: _____

OUTRAS INFORMAÇÕES: _____

DATA: ___/___/___

ASSINATURA: _____

UNIÃO DO APOSTOLADO CATÓLICO
CONSELHO NACIONAL DE COORDENAÇÃO

Agradeço-te, Deus Pai Santo, de ter-me criado a tua imagem, de ter-me redimido com a morte e ressurreição de Jesus Cristo, teu Filho, de ter-me dado o Espírito Santo.

Nesta fé e como resposta ao teu amor que me consagrou a ti no batismo, EU.....

declaro hoje o meu compromisso de seguir a Jesus Cristo e ao Evangelho, conforme meu estado e minha condição de vida.

Coloco-me totalmente à disposição do Reino de Deus e da missão da Igreja, todos os dons de natureza, de graça e a minha própria vida como membro efetivo da União do Apostolado Católico, conforme o carisma do Fundador São Vicente Pallotti, para a santificação minha, dos irmãos, das irmãs e para a salvação de toda a humanidade.

Faze que procure a salvação de todos, como a desejo para mim mesmo.

Faze que possa reavivar a fé, reacender a caridade e difundi-las em todo o mundo.

Faze que me volte aos excluídos, porque estes são os prediletos do teu coração.

Faze que me empenhe com todo o meu ser, para despertar o espírito apostólico em todos os cristãos.

Faze que participe na edificação do Reino de Deus com todos os homens e mulheres que te buscam de coração sincero.

Entrego esta minha decisão a Maria, Rainha dos Apóstolos e padroeira da União, e invoco a proteção de todos os anjos e santos.

...../...../...../.....
Local e data

Assinatura do Presidente

Assinatura do/a agregado/a

Testemunha

Testemunha

Presidente da Celebração

6 RITO DE AGREGAÇÃO NA UNIÃO DO APOSTOLADO CATÓLICO

APÓS A HOMILIA

Chamar aqueles que vão emitir o ato de compromisso apostólico na União do Apostolado Católico...

(Alguém chama os candidatos):

Queiram aproximar-se os que vão emitir o Ato de Compromisso Apostólico...

Resposta: Eis-me aqui!

Antes do ato de compromisso

Pres.: Irmãos e irmãs caríssimos, rezemos a Deus, nosso Pai, que dá a perseverança no bem, por (nome dos candidatos) que hoje, diante desta comunidade, declaram o seu ato de compromisso apostólico na União do Apostolado Católico.

Breve tempo de silêncio

Cel.: Ó Deus, olhai com bondade para estes vossos filhos e filhas que na vossa Providência chamastes para seguir a Cristo Apóstolo do Pai eterno, na União do Apostolado Católico. Fazei que prossigam com generosa dedicação no trabalho de evangelização, servindo com amor a vossa Igreja. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

Declaração do ato de compromisso

Após a declaração do Ato de Compromisso, os agregados e as testemunhas assinam a fórmula.

Pres.: Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, no seu amor e na sua misericórdia, receba este vosso ato de compromisso apostólico. E eu, em nome do Conselho Nacional de Coordenação do Brasil, aceito com alegria o ato de compromisso que fizestes à União do Apostolado Católico, tornando-vos assim membros efetivos da mesma.

Nosso Senhor Jesus Cristo, Apóstolo do Pai eterno, pela intercessão da bem-aventurada Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos, e de São Vicente Pallotti e dos beatos mártires palotinos, vos concedam ser fiéis até a morte, no compromisso que hoje assumistes. Amém.

Entrega do Estatuto Geral

Pres.: NN, recebe o Estatuto Geral da União do Apostolado Católico e empenha-te em vivê-lo, a fim de construir a unidade de toda a Fundação Palotina e revelar a sua profética expressão apostólica.

Bênção da cruz

Cel.: Ó Deus, o vosso Filho, ao partir deste mundo, pendente do madeiro da cruz, reconciliou convosco a família humana; olhai para os vossos filhos e filhas que irão receber esta cruz e concedei-lhes que pela graça desta cruz, possam carregá-la todos os dias, percorrendo os caminhos do Evangelho, e assim, chegar à meta da bem-aventurança celeste. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.

Entrega da cruz

Cel.: NN, Deus Pai quis salvar a humanidade com a morte de seu Filho na cruz. A cruz, que agora te entrego, te recorde cada dia que o trabalho apostólico se alimenta do amor de Cristo que se entregou a si mesmo pela nossa salvação.

Segue a celebração da Eucaristia...

ANEXO II

1 LEITURAS COMPLEMENTARES¹⁵²

Etapa – I	MANUAL DE FORMAÇÃO PALOTINA: <i>Rezar com a espiritualidade Palotina, orações, novenas e tríduos</i> – MÓDULO II	Valdeci Almeida
Etapa – I	MANUAL DE FORMAÇÃO PALOTINA: <i>A mística do cenáculo</i> – MÓDULO I	Valdeci Almeida e Inês Bressan
Etapa – I	<i>São Vicente Pallotti, Modelo de santidade apostólica</i>	Jan Kupka
Etapa – I	“Conspecto da vida de São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 138 a 153.	Francesco Moccia
Etapa – I	“Recordando os pais de São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 95 a 101.	João Quaini
Etapa – I	<i>Mosaico de um santo</i>	Hans Walhof
Etapa – I	<i>Poema do Amor de Deus segundo São Vicente Pallotti</i>	Francesco Amoroso
Etapa – I	<i>Vicente Pallotti – Deus o Amor Infinito</i>	Ângelo Lôndero (org.)
Etapa – I	<i>Vida e Obra de São Vicente Pallotti</i>	Juan Santos Gaynor
Etapa – I	Vicente Pallotti: um sacerdote que se abriu ao amor, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 169 a 172.	João Paulo II
Etapa – I	<i>Elisabetta Sanna: Cooperadora leiga de São Vicente Pallotti</i>	Francesco Amoroso
Etapa – II	MANUAL DE FORMAÇÃO PALOTINA: A espiritualidade e o carisma apostólico – Fonte e inspiração para a Igreja – MÓDULO III	Valdeci Almeida
Etapa – II	“O itinerário espiritual de São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 585 a 613.	Francesco Amoroso
Etapa – II	<i>Espiritualidade SAC-UAC (Estudos Palotinos)</i>	Equipe Formação (Prov. SP)
Etapa – II	“A espiritualidade palotina”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 614 a 621.	João Quaini

¹⁵² Para aqueles que concluíram a formação dos quatro Módulos, propomos um elenco de textos e de livros que possam ajudar no aprofundamento do carisma de São Vicente Pallotti. Foram apresentadas sete etapas, para que o membro ou o simpatizante da vida e da obra de Pallotti possa fazer um itinerário formativo permanente.

Etapa – II	“Donde parte a proposta evangelizadora de Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 304 a 313.	Dorvalino Rubin
Etapa – II	<i>Propósitos e Aspirações segundo São Vicente Pallotti</i>	F. Muchiutti (trad.)
Etapa – II	<i>Linhas Mestras da Espiritualidade Palotina</i>	Marcos João Miszewski
Etapa – II	“Maria em São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 689 a 743.	João Quaini
Etapa – II	“Nossa Senhora de Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 744 a 750.	Dorvalino Rubin
Etapa – II	“O tempo de Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 36 a 46.	Giacomo Martina
Etapa – II	“A espiritualidade da Sociedade do Apostolado Católico”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 622 a 640.	Ansgar Faller
Etapa – II	<i>Rezar com a espiritualidade Palotina, orações, novenas e tríduos – MÓDULO II</i>	Valdeci Almeida
Etapa – III	<i>O carisma de São Vicente Pallotti</i>	UAC
Etapa – III	<i>A caridade em Pallotti</i>	D. José Maione
Etapa – III	<i>São Vicente Pallotti, A caridade de Cristo nos impulsiona</i>	Patrício Sciadini
Etapa – III	“O carisma de São Vicente Pallotti e da sua fundação, a União do Apostolado Católico”, in Horizontes Palotinos, p. 187 a 221.	João Quaini
Etapa – III	“São Vicente Pallotti e seu carisma”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 252 a 257.	Doravalino Rubin
Etapa – III	“A fé e a caridade: uma só experiência de vida”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 648 a 651.	Doravalino Rubin
Etapa – III	“A união do Apostolado Católico e a nova evangelização”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 417 a 424.	Ir. Ephrem Lau
Etapa – III	“Fundamentos teológicos do Apostolado da nossa Sociedade”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 377 a 381.	Achylle Rubin
Etapa – III	“Um início novo para tempos novos”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 328 a 331.	Carlos Carreto
Etapa – III	<i>Memória e profecia na União do Apostolado Católico</i>	UAC
Etapa – III	“A missionariedade de São Vicente Pallotti e da sua fundação”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 392 a 416.	João Quaini

Etapa – III	“São Vicente Pallotti e os desafios do seu tempo”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 47 a 64.	João Quaini
Etapa – IV	<i>Roteiros de formação cristã-palotina</i>	UAC
Etapa – IV	<i>Itinerário espiritual palotino</i>	Valdeci Almeida
Etapa – IV	“Vicente Pallotti: carisma e institucionalização”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 222 a 251.	Doravalino Rubin
Etapa – IV	“A educação na trilha de Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, p. 543ss.	Ângelo Lôndero
Etapa – IV	“A fundação de Pallotti e suas leis”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 433 a 455.	Bernardino Trevisan
Etapa – IV	“Nossa identidade palotina e o Espírito Santo”, in Horizontes Palotinos, p. 263 a 267.	João Quaini
Etapa – IV	“Nossa identidade palotina e o Espírito Santo”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 652 a 655.	João Quaini
Etapa – IV	“São Vicente Pallotti, imitador de Jesus Cristo, visto pelo Pe. Francisco Vaccari”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 165 a 168.	João Quaini
Etapa – IV	“Mensagem de sua Santidade João Paulo II por ocasião do bicentenário do nascimento de São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 462 a 464.	João Paulo II
Etapa – IV	<i>São Vicente Pallotti romano</i>	Francesco Amoroso
Etapa – IV	<i>Mês de maio para leigos</i>	S. Vicente Pallotti
Etapa – IV	“A fundação de São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 373 a 376.	Achylle Rubin
Etapa – V	<i>São Vicente Pallotti, Apóstolo e Místico</i>	Valdeci Almeida
Etapa – V	<i>A cooperação, paixão de uma vida</i>	Stanislaw Stawicki
Etapa – V	“Testemunhos sobre São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 154 a 164.	Ângelo Lôndero
Etapa – V	“União do Apostolado Católico: a sinfonia ‘inacabada’ de São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 383 a 391.	Henryk Hoser
Etapa – V	“A UAC, um novo Pentecostes, um sinal de esperança para a Igreja do terceiro milênio”, 2002, p. 472 a 481.	Séamus Freeman

Etapa – V	“Houve mesmo cartão vermelho para a fundação de São Vicente Pallotti?”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 425 a 433.	B. Trevisan
Etapa – V	“O amadurecimento vocacional em São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 114 a 123.	Vittorio Vinci
Etapa – V	“Os problemas sociais em Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 501 a 506.	Genésio Bonfada
Etapa – VI	“Parábola de unidade, carisma e missão na Igreja”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 332 a 355.	José Cristo Rey G. Paredes
Etapa – VI	“São Vicente Pallotti, seu incansável anseio pela glória de Deus e pela salvação das almas”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 668 a 671.	Francesco Amoroso
Etapa – VI	“Por uma pedagogia palotina”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 532 a 542.	Achylle Rubin
Etapa – VI	“São Francisco de Assis e São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 182 a 186.	Franco Todisco
Etapa – VI	“São Vicente Pallotti visto por Paulo VI”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 321 a 327.	Paulo VI
Etapa – VI	“Vicente Pallotti e o Papa Pio IX”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 65 a 82.	Jan Kupka
Etapa – VI	“A partir de Pallotti, uma teologia da criação?”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 656 a 659.	Dorvalino Rubin
Etapa – VI	“Antes de mais nada, crer no amor infinito”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 660 a 667.	Dorvalino Rubin
Etapa – VI	“Igreja-missão em Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 314 a 320.	Dorvalino Rubin
Etapa – VI	“Pallotti como místico”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 641 a 642.	Erik Riechers
Etapa – VI	“São Vicente Pallotti: um apóstolo incansável”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 124 a 137.	Jadir Zaro
Etapa – VI	<i>São Vicente Pallotti, profeta da esperança</i>	Valdeci Almeida
Etapa – VI	<i>Vicente Pallotti – Documentos da Fundação</i>	Bayer – Zweifel
Etapa – VI	“A formação eucarística dos membros da União do Apostolado Católico”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 680 a 688.	Matias Augé

Etapa – VII	“Como continuadores de São Vicente Pallotti queremos anunciar Jesus Cristo, Apóstolo do eterno Pai, aos homens e mulheres do III milênio”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 465 a 471.	João Quaini
Etapa – VII	“Pallotti amou apaixonadamente a Igreja”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 643 a 647.	João Quaini
Etapa – VII	“São Vicente Pallotti: um exemplo de vida e apostolado”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 102 a 113.	Jadir Zaro
Etapa – VII	“Teologia do Apostolado em São Vicente Pallotti”, in Horizontes Palotinos, 2002, p. 292 a 303.	Achylle Rubin

REFERÊNCIAS

- AMOROSO, Francesco, *São Vicente Pallotti romano*, Biblos: Santa Maria, 2006.
- _____, *Dal nulla al tutto, in cammino spirituale di Vincenzo Pallotti*, Città Nuova: Roma, 1981.
- APOSTOLATO UNIVERSALE, Continuità e sviluppo, '*Maria Maddalena De Rossi Pallotti*', (1765-1827). Rivista semestrale dell'Istituto S. Vincenzo Pallotti, Roma, anno VII, n. 13/2005.
- _____, '*La sinodalità dell'Unione dell'Apostolato Cattolico*', Rivista semestrale dell'Istituto S. Vincenzo Pallotti, Roma, n. 47/2018, p. 25-46.
- Código de Direito Canônico*, 10 ed., Loyola: São Paulo, 1997.
- Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, 2013.
- FALLER, Ansgário, SAC, *Duecento anni fa*. In: Regina degli Apostoli, anno XXVIII, n. 9, settembre 1963.
- GAYNOR, Juan Santos, *Vida e obra de São Vicente Pallotti*, Santa Maria: Pallotti, 2000.
- Horizontes palotinos*, vol. 2, Ângelo Lôndero (org.), Biblos: Santa Maria, 2009.
- KUPKA, Jan, *São Vicente Pallotti, modelo de santidade*, Editrice Velar, 2016.
- TODISCO, Franco (Org.), *São Vicente Pallotti*, Biblos: Santa Maria, 2007.
- SAN VINCENZO PALLOTTI, *Opere complete*, a cura di Francesco Moccia SAC, Roma, 1964-1997, vol. II, III, X, XIII.
- _____, *Opere complete lettere (OCL)*, volumi I-VIII, a cura di Bruno Bayer SAC, Roma, 1995-2010.
- STAWICKI, Stanislaw, *A cooperação paixão de uma vida*, Biblos: Santa Maria, 2007.
- União do Apostolado Católico, *Estatuto Geral*, Roma, 2008.
- Vaticano II, Mensagens, discursos, documentos*, Paulinas: São Paulo, 2012.